



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

A ARQUITETURA DO QUARTO DE DESPEJO:
UM OLHAR DE CLASSE, GÊNERO E COR

Nathália Liz Cafezeiro Guimarães

Laranjeiras, SE

2023

Nathália Liz Cafezeiro Guimarães

A ARQUITETURA DO QUARTO DE DESPEJO:

UM OLHAR DE CLASSE, GÊNERO E COR

Trabalho Final de Graduação apresentado
à Universidade Federal de Sergipe como
requisito para a conclusão do curso de
Arquitetura e Urbanismo, sob orientação
da Prof. Dra. Maria Cecília Pereira
Tavares.

Laranjeiras, SE

2023

Nathália Liz Cafezeiro Guimarães

**A ARQUITETURA DO QUARTO DE DESPEJO:
UM OLHAR DE CLASSE, GÊNERO E COR**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Cecília Pereira Tavares
Universidade Federal de Sergipe
Prof. Orientadora

Prof. Me. Leonardo Teixeira Kelsch Vieira
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Ma. Lygia Nunes Carvalho
Convidada

Laranjeiras, SE

2023

Para todas as mulheres que há tanto tempo lutam por seus direitos e reconhecimento como trabalhadoras essenciais na sociedade. Espero que este trabalho possa contribuir ainda mais para a conscientização sobre a importância do respeito e da valorização dessas profissionais.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a minha época de colégio, eu acreditava que a profissão de engenharia seria o caminho que eu deveria seguir na vida. Contudo, nos primeiros semestres do curso, senti falta de sensibilidade, subjetividade, arte e do contato humano com causas sociais. Comecei a me perguntar onde eu poderia encontrar tudo isso, e foi graças à minha prima Emanuelle, arquiteta formada pela UFS, que abri os olhos para o curso que me abraçou completamente.

Gostaria de deixar meus agradecimentos a todos que participaram do meu processo de amadurecimento e crescimento dentro da universidade. Agradeço ao meu primeiro grupo formado no curso: Maria, José Iure e Igor, amigos de alma e com quem pude compartilhar momentos de muita dedicação, estudos, risos, lágrimas e satisfação. Agradeço às minhas primeiras colegas de apartamento: Gabriela, Bruna e Emanuelle, onde passamos juntas por dificuldades e superações. Agradeço ao casal Melissa e Caio, com quem pude conviver e ter conselhos, conversas e momentos de fortalecimento quando precisava. Agradeço à Bruna e à Luiza pelas noites viradas e as diversas risadas que dávamos juntas. Agradeço à Jéssica, a amiga irmã que a UFS me deu. Agradeço à Júlia pelo suporte com o trabalho. Agradeço muito aos meus pais que sempre me apoiaram em todas minhas escolhas e me mantiveram em Aracaju durante cinco anos. Agradeço ao meu falecido padrinho Wagner, que apesar de não ser arquiteto, parecia que tinha nascido para isso e me ajudava com projetos. Nunca esquecerei da maquete de paisagismo que fizemos juntos. Agradeço a todos os amigos e família que me ajudaram nessa etapa.

Muitas pessoas marcaram minha vida durante o período da universidade. Tenho um grande carinho pela professora Larissa Scarano, que passou uma temporada na UFS. Agradeço ao professor Márcio que começou a me orientar nesse trabalho, o qual teve continuidade com a professora Maria Cecília, que além de orientar meu trabalho, me ajudou a superar minhas dificuldades para que pudesse concluir esse ciclo. Agradeço à professora por toda a paciência e confiança. Também sou muito grata ao Vinícius, que durante todas as minhas dificuldades pessoais, nunca soltou minha mão e me deu forças para chegar aonde cheguei.

“Bilhões de mulheres se ocupam incansavelmente da tarefa de limpar o mundo” – Françoise Vergés

RESUMO

Durante muito tempo, o cômodo conhecido como "quarto de despejo" ou por outros nomes como "quarto de empregada", "quarto dos fundos", "quartinho", "dependência doméstica", "dependência de serviço" ou "quarto de serviço", fez parte do programa de necessidades dos projetos arquitetônicos, sendo destinado à trabalhadora doméstica. No entanto, esse cômodo é caracterizado por dimensões mínimas, janelas pequenas voltadas para a área de serviço, falta de ventilação e privacidade limitada, evocando lembranças da época da senzala. Este trabalho visa investigar as relações entre gênero, classe e cor na utilização desse espaço, bem como mostrar sua situação atual e como esse espaço tem evoluído ao longo dos anos. Com o tempo, o quarto de empregada tem se tornado menos comum nos projetos. A metodologia deste trabalho inclui revisão bibliográfica, análise de dados e plantas arquitetônicas, além de entrevistas com trabalhadoras domésticas. O objetivo é contribuir para o registro da evolução das habitações brasileiras, mostrando como a nova realidade do trabalho das empregadas domésticas tem impactado os novos projetos, além de refletir sobre as heranças coloniais, burguesas e escravocratas que persistem na sociedade brasileira e refletem a desigualdade socioespacial e econômica nas cidades brasileiras.

Palavras-chave: Racismo estrutural; Brasil Colonial; Trabalho Doméstico; Quarto de Empregada; Desigualdade social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gravura “Casa Grande do Engenho Noruega”.....	15
Figura 2 – Escravos trabalhando em um engenho de açúcar.....	16
Figura 3 – “O jantar”, obra do artista francês Jean-Baptiste Debret.....	16
Figura 4 – Cabana de escravos.....	17
Figura 5 – Plano de reforma com planta baixa e corte vertical da senzala.....	18
Figura 6 – Casa grande e senzalas organizadas em linha.....	19
Figura 7 – Plano de uma fazenda cafeeira.....	20
Figura 8 – Morada de escravos.....	21
Figura 9 – Pavimento superior da planta do casarão da Fazenda Pinhal.....	23
Figura 10 – Imagem mostrando um sobrado.....	27
Figura 11 – Casa burguesa paulista.....	28
Figura 12 – Desenho representando espaço da edícula.....	30
Figura 13 – Fotografia de uma moradora do edifício pedindo o elevador social e uma empregada doméstica esperando pelo elevador de serviço.....	32
Figura 14 – Fotografia de Carolina de Jesus com seu livro “Quarto de Despejo”.....	33
Figura 15 – Gráfico mostrando a proporção da população, por sexo, ocupada no Brasil.....	36
Figura 16 – Gráfico mostrando a proporção da população, por sexo, que ocupa empregos domésticos.....	36
Figura 17 – Gráfico mostrando a distribuição dos trabalhadores domésticos, por cor ou raça.....	37
Figura 18 – Dados mostrando a diminuição do número de trabalhadoras domésticas em atividade.....	37
Figura 19 – Dados mostrando a redução do trabalho com e sem carteira assinada.....	38

Figura 20 – Planta baixa de apartamento no condomínio Seletto Salvador em Salvador/BA.....	42
Figura 21 – Planta baixa de apartamento no condomínio Solar Vista Mar em Salvador/BA.....	43
Figura 22 – Planta baixa de apartamento no condomínio Residencial Vista do Jones em Lauro de Freitas/BA.....	43
Figura 23 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Connect</i> em Porto Alegre/RS.....	44
Figura 24 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Unique Home Service</i> em São Luís/MA.....	44
Figura 25 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Move</i> Itagira em Salvador/BA.....	45
Figura 26 – Planta baixa de apartamento no condomínio Mirante Theresina em Teresina/PI.....	45
Figura 27 – Planta baixa de apartamento no condomínio Mirante Theresina em Teresina/PI.....	46
Figura 28 – Planta baixa de apartamento no condomínio Mirante Theresina em Teresina/PI.....	46
Figura 29 – Planta baixa de apartamento no condomínio Elev Jardins de Fátima em Fortaleza/CE.....	47
Figura 30 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Eden West</i> em São Paulo/SP.....	47
Figura 31 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Al Mare</i> São Marcos Design em São Luís/MA.....	48
Figura 32 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Rooftop</i> Canuto 100 em Fortaleza/CE.....	48
Figura 33 – Planta baixa de apartamento no condomínio <i>Mirare Collection</i> em Fortaleza/CE.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. REMINISCÊNCIAS DO QUARTO DE DESPEJO.....	13
1.1 MORADIA ESCRAVA: DAS CABANAS ÀS SENZALAS.....	14
1.2 QUARTINHO DOS FUNDOS NO PÓS-ABOLIÇÃO.....	25
1.3 A MORADIA ESCRAVA NAS CIDADES.....	28
2. O QUARTO DE DESPEJO DAS INJUSTIÇAS SOCIAIS.....	32
2.1 O TRABALHO DOMÉSTICO: UM OLHAR DE CLASSE E GÊNERO.....	35
3. QUARTO DE DESPEJO: ATUAL REALIDADE.....	38
4. QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR DE CLASSE, GÊNERO E COR.....	50
4.1 METODOLOGIA.....	51
4.2 AS VIVÊNCIAS DENTRO E FORA DO QUARTO DE DESPEJO.....	52
4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS FEITAS COM TRABALHADORAS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
APÊNDICE.....	63

INTRODUÇÃO

“Quarto de empregada”, “quarto dos fundos”, “quartinho”, “dependência doméstica”, “dependência de serviço”, “quarto de serviço” ou “quarto de despejo”. Essa última designação remete à ideia de que o espaço é utilizado para armazenar o que não cabe na área principal da casa, ou seja, aquilo que não é considerado essencial ou pertencente à residência. Esse pequeno e pouco arejado cômodo simboliza o racismo estrutural e a mentalidade classista da elite brasileira, que historicamente relegou as trabalhadoras domésticas a um papel subalterno na sociedade. Apesar da função inicial de dormitório, o espaço também funciona como depósito, denotando a desvalorização do trabalho doméstico e a invisibilidade das trabalhadoras que o desempenham. Essa situação reflete as consequências de um país que nunca solucionou completamente as problemáticas do seu passado escravocrata e que ainda carece de um processo de democratização efetivo.

O quarto de empregada é um espaço que exemplifica a desigualdade social e exclusão que permeiam a história do Brasil. Embora tenha havido mudanças nas leis trabalhistas, economia e padrões habitacionais, o trabalho doméstico ainda é amplamente exercido por famílias negras e pobres. A história das residências brasileiras sofreu várias transformações, e o “quartinho” não foi exceção. No entanto, é perceptível que esse espaço tem sido cada vez menos utilizado em residências multifamiliares destinadas à classe média, devido às mudanças nas leis trabalhistas que garantem mais direitos às trabalhadoras domésticas. Com isso, muitas famílias passaram a contratar profissionais apenas por algumas horas diárias, não havendo necessidade de manter um espaço exclusivo para a moradia dessas trabalhadoras.

Além disso, tem sido comum observar que os apartamentos têm diminuído de tamanho, e esse fator tem se refletido na própria disposição dos cômodos. Uma das principais consequências desse cenário é a falta de espaço para um quarto de empregada nos projetos de residências multifamiliares de classe média. De acordo com Costa (2003), “o dimensionamento dos espaços habitacionais tem sido tão sacrificado que, muitas vezes, atingem proporções prejudiciais ao desenvolvimento das funções às quais se destinam”.

Esta monografia tem como foco as relações entre gênero, classe e raça no contexto do “quarto de despejo”, um cômodo que tem sido parte integrante do

programa de necessidades de projetos arquitetônicos residenciais de alto padrão no Brasil há mais de um século. Através de uma revisão bibliográfica e análise de dados, a pesquisa busca responder às seguintes perguntas: como as trabalhadoras domésticas utilizam e vivenciam desse espaço atualmente? Quem são essas trabalhadoras e como elas se sentem nesse ambiente? Qual a atual realidade desse cômodo? É possível considerar que a dependência doméstica seja o quarto de despejo das injustiças sociais?

Durante a trajetória acadêmica e profissional do arquiteto e urbanista, a "dependência de empregada" é muitas vezes negligenciada nos projetos residenciais, sendo considerada menos importante em comparação a outros espaços. É evidente como a herança da escravidão ainda se faz presente na arquitetura, assim como na sociedade como um todo. A relevância científica desta pesquisa, além da dimensão material da arquitetura, é trazer à tona a subjetividade por trás das formas de projetar que retratam os resquícios coloniais do Brasil.

O ponto de partida deste estudo é a reflexão sobre as modificações nos modos de vida contemporâneos e como a dependência de empregada se adapta e abandona as características iniciais pensadas ou reproduzidas em projetos arquitetônicos. Embora seja positiva a ideia de que a trabalhadora doméstica não durma mais em seu emprego e se torne uma exceção nas residências multifamiliares de classe média-alta, é evidente o descaso e a falta de registro em relação a esse ambiente. Por décadas, gerações de mulheres passaram suas vidas nesses cômodos, desistiram de construir suas próprias famílias, tiveram "borradas" as fronteiras entre os horários de trabalho e de descanso, e tiveram possibilidades muito precárias de usufruir de intimidade e privacidade.

A indagação central deste estudo é compreender as desigualdades sociais que se refletem na vida (privada) doméstica dentro desses quartos, a partir de uma perspectiva de gênero e classe. O estudo adotou uma metodologia que contemplou uma revisão bibliográfica, na qual foram considerados autores relevantes como Carolina de Jesus e Carlos Lemos, além de uma revisão documental. Para obter informações relevantes para a pesquisa, foram conduzidas entrevistas com trabalhadoras domésticas utilizando o método cartográfico. Além disso, foi realizado um levantamento de anúncios publicitários de plantas arquitetônicas de apartamentos

de construtoras, a fim de fazer uma análise comparativa das mesmas e investigar a presença ou não da dependência de serviço, dentre outras informações relevantes.

A motivação para investigar a arquitetura a partir dos espaços de trabalho doméstico surge do desejo de compreender os locais predominantemente utilizados por mulheres e sua relação com as dinâmicas de gênero. A pesquisa busca contribuir para o registro arquitetônico, no âmbito da evolução das habitações brasileiras, visando compreender as transformações da dependência de empregada e refletir sobre as heranças burguesas, coloniais e escravocratas que ainda permeiam a sociedade brasileira, manifestando-se na profunda desigualdade socioespacial e econômica nas cidades do país.

1. REMINISCÊNCIAS DO QUARTO DE DESPEJO

Para compreender melhor as origens do quarto de despejo (ou “quarto de empregada”), é necessário esboçar uma árvore genealógica desse cômodo, para que assim conheça-se o processo de transformações e de permanência que este “quartinho” possui na história da casa brasileira. Não é nenhum anacronismo afirmar que o quarto dos fundos vem de uma herança colonial e escravocrata: a raiz é, de fato, a senzala. A supressão arquitetônica deste ambiente dos escravos foi o que acabou gerando a existência deste cômodo, com dimensões mínimas e, na maior parte das vezes, com pouca salubridade.

Sabe-se que o racismo estrutural é uma marca na história que continua presente até mesmo em expressões populares como a de “(...) ‘criado mudo’ que faz referência a um escravo que ficava do lado da cama dos senhorios de escravos segurando um copo de água ao lado da cama em silêncio a noite toda para servi-los caso fosse solicitado (...)” (JUNIOR et al, 2021, p.4). Uma expressão, que assim como a forma que o quarto de despejo é projetado, permaneceu na sociedade atual e é reproduzida por arquitetos do século XXI.

Além disso, é importante destacar que o quarto de despejo não é apenas uma herança colonial, mas também uma consequência do processo de urbanização e industrialização do Brasil no século XX. Para Brandão (2019), com o crescimento das cidades e a migração de trabalhadores do campo para as áreas urbanas, muitas casas precisaram ser adaptadas para comportar uma nova dinâmica de trabalho e de

moradia. Nesse contexto, o quarto de despejo passou a ser utilizado não só para acomodar empregadas domésticas, mas também como um espaço para guardar objetos e utensílios domésticos, o que ajudou a perpetuar a ideia de que esse cômodo era um local de segunda categoria, destinado aos serviços mais humildes e menos valorizados da casa.

Os próximos três subcapítulos vão explicar as origens e os processos evolutivos desse cômodo, que não surgiu subitamente como “quarto de empregada”. Primeiro veio as senzalas, para que depois acontecesse uma evolução nas plantas das habitações de modo que este espaço, desprivilegiado desde o início, fosse aparecendo – seja no quintal ou na área do fundo, no porão ou no sótão, mas sempre nas proximidades das zonas de serviço e de trabalho.

1.1. MORADIA ESCRAVA: DAS CABANAS ÀS SENZALAS

No Brasil, a escravidão teve início no século XVI e persistiu, legalmente, até 13 de maio de 1888. Nesse tempo, o país era majoritariamente rural e, devido a isso, os primeiros registros domésticos nacionais que existem são referentes aos grandes casarões das fazendas que fazem parte deste período. Viana e Trevisan (2016) apontam que na “esfera social desses ambientes residenciais, existiam basicamente três tipos de relações primárias: as relações entre senhores, as relações entre os escravos e as relações cruzadas entre senhores e escravos” (p.6). No caso, a casa grande era destinada aos senhores e a senzala aos escravos, considerando que existiam os cativos que viviam na casa grande para poder dar suporte para a grande família patriarcal. Os escravos poderiam ser considerados até mesmo a “estrutura” da casa, visto que eram eles que forneciam e supriam todas as necessidades que surgissem na residência. Essa análise foi bem definida pelo arquiteto Lucio Costa que diz:

(...) a máquina brasileira de morar, ao tempo da colônia e do império, dependia dessa mistura de coisa, de bicho e de gente, que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. (COSTA apud LEMOS apud VIANA e TREVISAN, 2006, p.7)

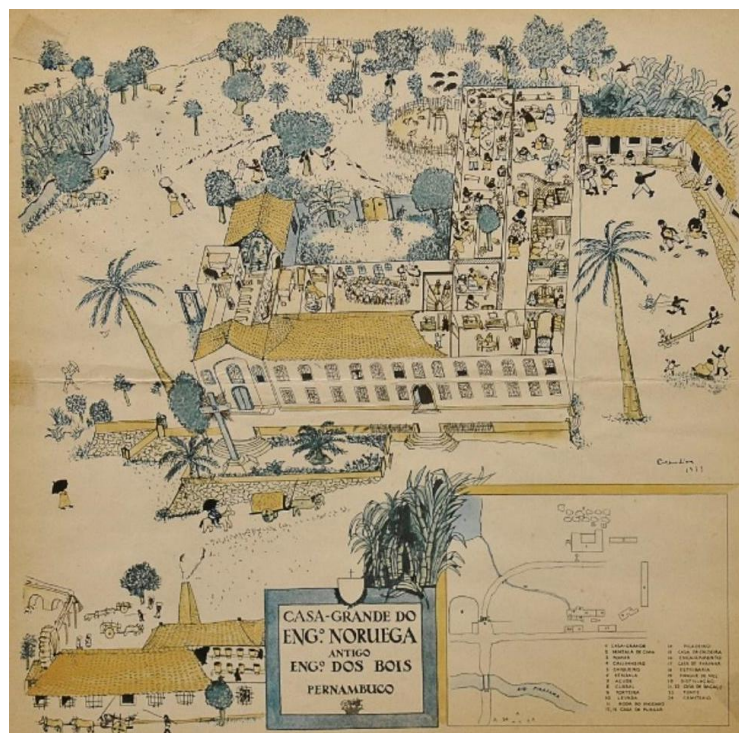


Fig. 1: Gravura “Casa Grande do Engenho Noruega” de Cícero Dias para Gilberto Freyre, 1933, com a casa grande ao centro e a senzala à direita. Disponível em: <<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=272746>>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

A dinâmica doméstica da “Casa Grande e Senzala” reflete uma ligação entre espaços x poder, que continua existindo até os dias atuais. É possível notar uma reprodução das senzalas às dependências de empregada e perceber que, realmente, a escravidão deixou marcas que transcenderam a época colonial. Viana e Trevisan (2016) afirmam que no Brasil Colônia-Império falado, tempo que o trabalho escravo era uma realidade explícita, as senzalas eram grandes alojamentos para moradia tanto dos trabalhadores do campo como dos que exerciam atividades domésticas, espaços que se diferenciavam apenas em suas localizações. Se os escravos rurais ficavam perto ao engenho e à lavoura, os que serviam às atividades domésticas ficavam próximo à casa-grande – no caso, à parte das casas, seja no quintal ou subsolo.

Nessa época, havia dois tipos de senzalas: a que servia aos trabalhadores do campo, junto ao engenho e à lavoura, e a que servia aos escravos que trabalhavam no ambiente doméstico. Esta última ficava junto à casa-grande, porém, era locada no quintal ou no subsolo, assim como toda a área de serviço e a “secreta” – buraco feito na terra, cercado, usado como banheiro. Ou seja, além da senzala, a parte “molhada” das residências também se locava fora de casa, característica que perdurou por muitos séculos, até o advento de tubulações de água e esgoto em substituição aos “tigres” – escravos responsáveis por transportar a água negra. Era conveniente, portanto, que a habitação dos escravos fosse próxima a esses locais de serviço. (VIANA e TREVISAN, 2016, p.8)

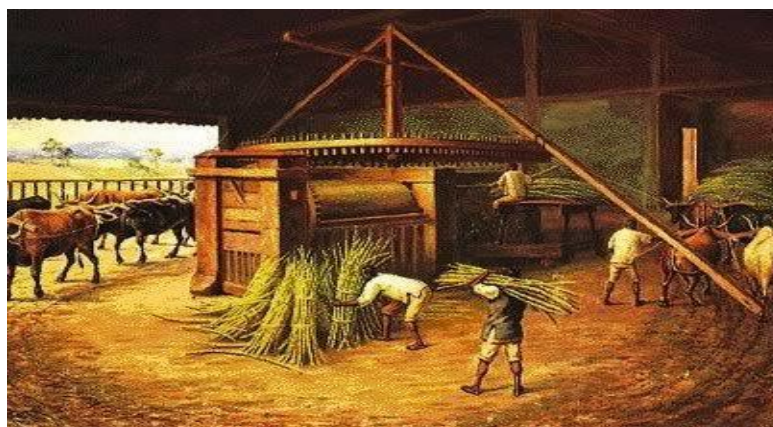


Fig. 2: Escravos trabalhando em um engenho de açúcar. Disponível em: <<https://arteculturaespiritualidade.blogspot.com/2012/11/engenhos-de-acucar-no-ceara.html>>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

A obra "O jantar" (fig. 3), de Jean-Baptiste Debret, é uma representação emblemática da relação entre senhores e escravos na sociedade escravista brasileira do século XIX. A cena retratada mostra um momento de refeição na Casa Grande, onde os senhores aparecem vestidos de forma elegante e refinada, sentados à mesa e desfrutando de uma refeição farta. Enquanto isso, os escravos domésticos, vestidos com roupas simples e desgastadas, estão a serviço dos seus senhores, prontos para atendê-los em todas as suas necessidades. A obra é um importante documento histórico que permite refletir sobre a dinâmica social e hierárquica do sistema escravista, bem como simbolizar essa relação de espaço x poder.



Fig. 3: "O jantar", obra do artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que retrata uma cena do cotidiano na Casa Grande e a relação entre os senhores e escravos domésticos. Disponível: <<https://ihggcampinas.org/2019/11/29/escravos-e-trabalhadores-domesticos-no-brasil/>>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

Benincasa (2007) aponta que são raras as senzalas que conseguiram sobreviver ao tempo, visto que a técnica construtiva utilizada na época incluía “estrutura de madeira e vãos preenchidos com pau-a-pique, cobertas por telhas capa e canal ou palha, técnicas muito frágeis, que necessitam de manutenção constante” (p.71). Essa falta de preocupação com os materiais de construção das senzalas só confirma que não existia um cuidado com a morada dos escravos, considerando também que, geralmente, essas habitações ficavam mais afastadas, próximo às “secretas” – banheiro - e ao chiqueiro. Os espaços dos escravos não tinham privacidade e os móveis internos eram feitos no improviso ou não existiam.

Segundo Marquese, até a década de 1840 o tipo de moradia de escravos mais comum foi a senzala cabana isolada, ora ocupada por famílias inteiras, ora por elementos do mesmo sexo. Construídas pelos próprios escravos, reproduziam o esquema de suas antigas habitações na África. Elas aparecem numa descrição de Saint-Hilaire, de 1822, em Areias, onde o francês relata a presença de choças de negros junto aos cafezais e casas de fazenda, e também em entrevista de um antigo proprietário da fazenda e, sim, oito ou dez casas de pau a pique que haviam sido ocupadas pelos negros. (BENINCASA, 2007, p.71)

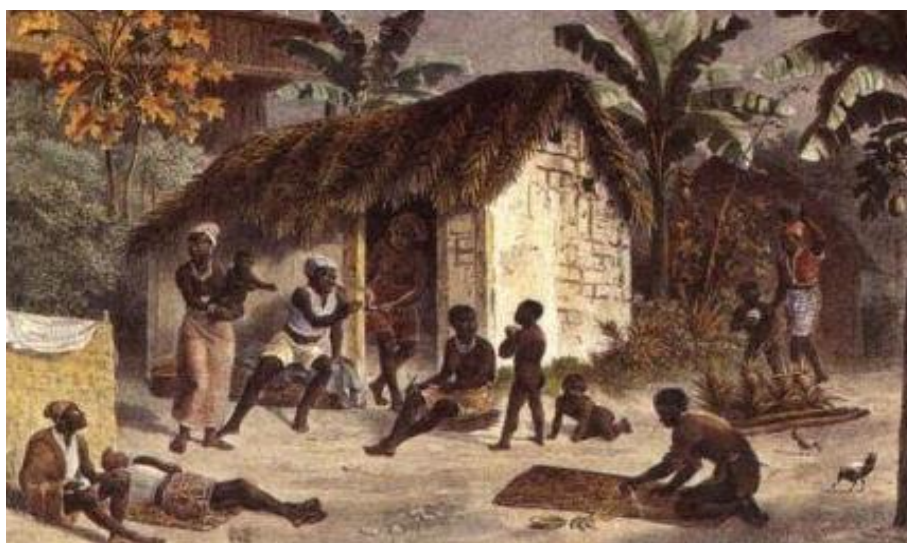


Fig. 4: Cabana de escravos. Rugendas, J. M. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p. 71.

A partir da década de 1840, a quantidade de escravos passou a crescer ainda mais, dado que quanto mais escravos os senhores tivessem, consequentemente, mais poder eles tinham em mãos. Os escravos eram mercadorias, e neste processo, acabou gerando a necessidade de construir espaços que possibilitassem um controle maior sobre estes negros, já que neste período costumava acontecer algumas revoltas e fugas. Segundo Benincasa (2007), foi nesse momento em “que teria se

difundido o uso das senzalas em lanços corridos ou em quadras, preconizado nos manuais de Laborie, do Barão do Pati do Alferes, Tunay (...)” (p.71).

O temor das insurreições apavorou-se durante todo o período da escravidão. Ao menor boato, medidas severas eram postas em prática, com o objetivo de reprimir a subversão da ordem. Viviam a tomar precauções que impedissem as revoltas e agressões. Multiplicavam as proibições: os escravos só podiam sair da fazenda com permissão do senhor ou do feitor; à noite, eram trancados nas senzalas, cuja disposição arquitetônica já testemunhava o intuito de impedir fugas ou ajuntamentos de cativos nas horas tardas da noite. Havia senhores que impediam seus escravos de sair aos domingos, dando-lhes outro dia de folga na semana, de modo a impedir que se reunissem ao pessoal das fazendas próximas. (COSTA, 1998, p. 353)

Marquese (2005) afirma que o plano de reforma da arquitetura da moradia escrava proposta por Laborie possuía um cuidado especial. Este plano tinha como sugestão a construção das senzalas em linha, divididas em cubículos que posteriormente seriam subdivididos “em dois quartos, um, A, onde se faz o fogo, outro, B, para dormir. Pode-se acrescentar por detrás uma galeria, C, da largura de seis pés, para suas aves” (MARQUESE, 2005, p.169).

A análise de Marquese sobre a disposição das senzalas, proposta por Laborie, compara-a com o modelo militar europeu no qual se enfatizava a disciplina do espaço proporcionando controle das ações. Modelos desse tipo haviam sido construídos no Suriname, não sem a reação dos escravos, que preferiam viver nas palhoças independentes, semelhantes àquelas em que viviam na África. Mas interessava ao fazendeiro essa nova forma de moradia, sobre a qual tinha, de fato, maior controle. (BENINCASA, 2007, p.35)

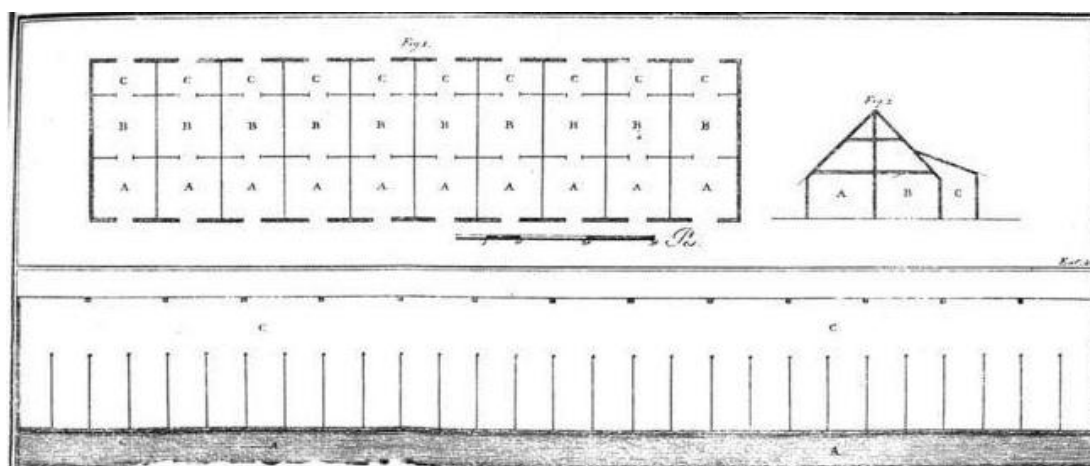


Fig. 5: Plano de reforma com planta baixa e corte vertical da senzala proposta por P. J. Laborie (LABORIE, 1798). Acervo de Guita e José Mindlin, São Paulo. Reprodução de Hélio Nobre.

Existem vários relatos sobre como funcionava a divisão das senzalas. Benincasa (2007) afirma que essas separações se diferenciavam de acordo com a

Analisando a Figura 6, percebe-se uma demonstração da conexão arquitetônica existente entre as senzalas com os casarões. Como dito anteriormente, com o surgimento da necessidade de reforçar o controle dos senhores sobre as moradas escravas, houve uma união das diferentes unidades habitacionais dos escravos em “edifícios únicos, simétricos e uniformes, dispostos de forma alinhada em torno dos terreiros de café ou em locais observáveis a partir da casa de vivenda senhorial” (MARQUESE, 2005, p.169).

(...) as casas [...] devem ser de maneira situadas, que possa o senhor ver tudo, ouvir e dar ordem. A exaço, e cuidado da manufatura, o serviço do hospital, que se deve guardar de dia, e de noite, a polícia das senzalas, e o cuidado do gado de toda a casta, inteiramente dependem da presença e vigilância do senhor. (LABORIE apud MARQUESE, 2005, p.170)

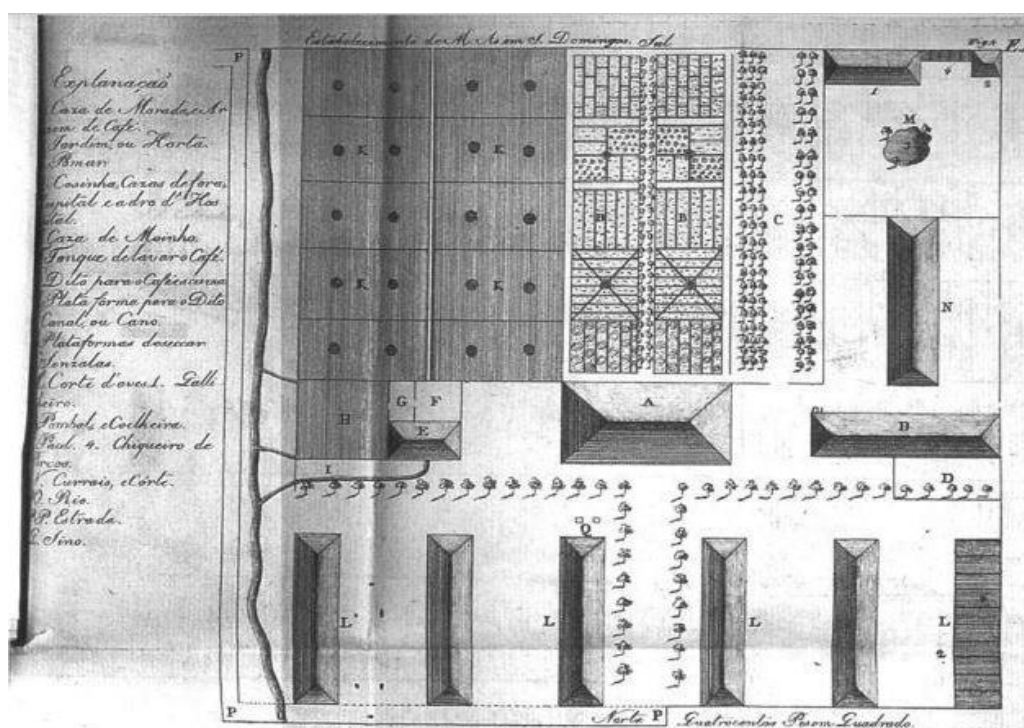


Fig. 6: A indica a casa grande e L as senzalas organizadas em linha. Na direita, o último retângulo representa o corte horizontal da senzala, apontando o interior com 10 cubículos (LABORIE, 1798).
Acervo de Guita e José Mindlin, São Paulo. Reprodução de Hélio Nobre.

Nas senzalas existiam algumas recomendações, mas que acabavam não sendo seguidas pelos senhores. Os cubículos eram indicados para ficar no máximo três escravos. Estes espaços possuíam algumas subdivisões: um lugar para dormir e outro para fazer fogo. Benincasa (2007) relata que os cubículos eram alinhados de forma que a construção fosse longilínea “com galerias cobertas em ambos os lados: a de trás para criação de aves dos escravos, a da frente para que os negros, saindo de repente de um ambiente aquecido pelo fogo (...) não se resfriassem (...)” (p.35).

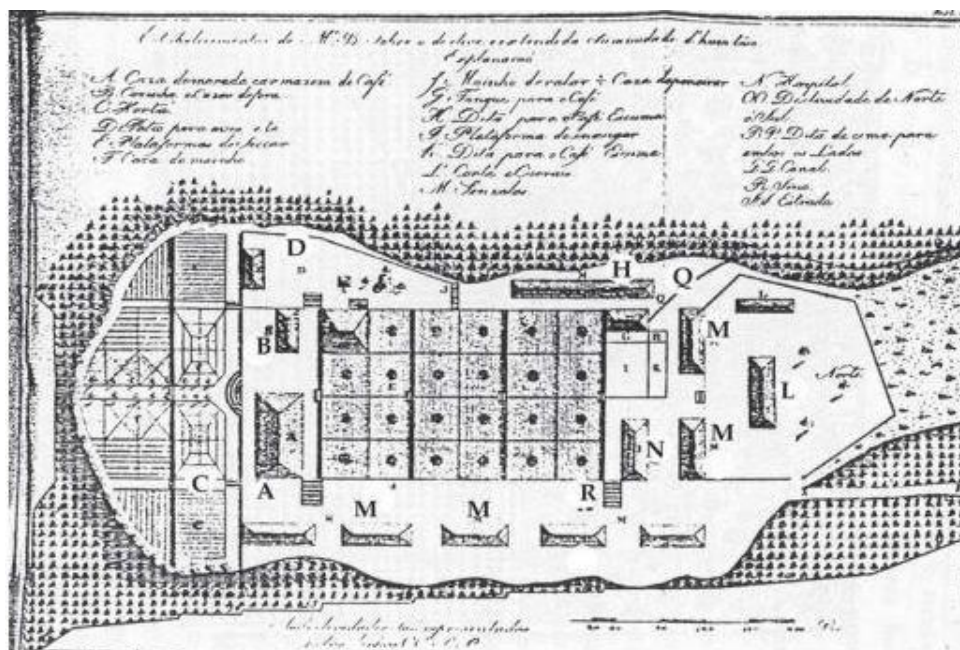


Fig. 7: Plano de uma fazenda cafeeira. Legendas: A – Casarão; B – Cozinha e casas externas; C – Horta; D – Pátio para aves; E – Terreiro; F – Moinhos; G – Tanque de lavar café; H – Senzala; L – Currais; M – Senzalas; N – Hospital; Q – Canal; R – Sino. Fonte: Carrilho, M.J. Fazendas de Café do Caminho Novo da Piedade, p.27.

Segundo Marquese (2006), tendo como exemplo o Vale do Paraíba, o padrão característico da senzala em quadra era seu isolamento em relação aos espaços externos da fazenda, favorecido pelo seu formato retangular, pelos compartimentos da morada dos escravos, que deveria ter acesso unicamente com o terreiro, pela escassez de janelas, pequenas frestas com grades, trancas noturnas, muros altos e uma única entrada fechada com um portão de ferro. Toda essa configuração tinha como objetivo o controle dos cativos. Na foto atual da fazenda (Fig. 8), “a parte do pavimento inferior que se conectava com o quadrado era reservada às dependências de serviço da casa de vivenda” (MARQUESE, 2006, p.43).

(...) Do lado oposto ao barracão, encontrava-se a casa de purgar. Abaixo, localizava-se a casa de vivenda senhorial, ladeada, à direita, por uma horta e

pela serralheria e, à esquerda, por um jardim e pela enfermaria dos escravos. Moradia senhorial e moradia escrava, portanto, eram claramente separadas e ocupavam, no conjunto, uma posição secundária frente à centralidade dos edifícios voltados à produção açucareira. (MARQUESE, 2006, p. 39)



Fig. 8: Morada de escravos. Rugendas, J. M. *Viagem Pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p.71.

As senzalas em quadras foram uma solução arquitetônica particular do vale paraibano cafeeiro, entre as décadas de 1840 e 1880. Marquese (2005) considera que, com a ressalva de determinadas fazendas cafeeiras do Centro-Oeste de São Paulo, não existem pesquisas que comprovem a sua utilização em outras áreas escravistas de *plantation* no Brasil oitocentista. Fig. 8: Morada de escravos. Os estudos relatam que o emprego desse tipo de disposição das senzalas foi uma herança da arquitetura rural do norte português.

(...) a disposição dos edifícios em torno de um terreiro, com os cômodos de serviço à volta, constitui a peça-chave da circulação, servindo não só de distribuição como de local de manipulação dos gêneros agrícolas. É onde a família portuguesa trabalha com os raros empregados, é o espaço muito bem definido e acessível por um só portão. (MARQUESE, 2005, p.175)

Nas vivências escravas, a porta das senzalas possuía uma função importante, servindo como um delimitador entre a vida exterior e interior, entre um mundo dos outros e um mundo próprio. A porta nas senzalas cria uma oposição entre dentro e fora, instala diferença. Assim como aconteceu em outros engenhos, os espaços das senzalas eram determinados pelo proprietário. Era ele o responsável por definir as características de cada residência, incluindo sua localização, limites, forma e aspecto. O mesmo, no entanto, não pode ser dito sobre sua vida interior. Embora limitado por um ambiente altamente normatizado e com tamanhos mínimos, os escravos foram

capazes de estruturá-lo de modo a atender suas necessidades, lançando mão para isso de referenciais por eles forjados. O controle era tanto que

(...) recomendava-se proibição expressa da entrada de homens de cor livres e brancos desconhecidos na plantation para a venda de gêneros aos cativos, bem como o pernoite de pessoas estranhas nos alojamentos dos escravos. Após a oração noturna de nove horas, o portão da finca seria trancado e os escravos impedidos de circularem dentro da propriedade. Os vigilantes brancos faziam de duas a três rondas noturnas, verificando se todos os escravos se encontravam descansando nas senzalas. (AYLLON apud MARQUESE, 2005, p.175)

Durante a noite nas senzalas, os administradores ou feitores das fazendas possuíam a função de recolher as chaves de todas as portas. Cada cubículo, onde habitavam os escravos, não tinha outra entrada além de uma portinha pequena, próximo a uma janela também mínima com balaústres, para que assim, o escravo não tivesse chance de entrar em contato com os outros cativos que estivessem próximos.

Para Marquese (2005), a partir do ciclo mineral, a vida urbana passou a ser uma realidade e as fazendas deixaram de possuir senzalas (com exceção de alguns casarões com um maior padrão). Essa mudança acabou gerando um transtorno em relação aos escravos que, nesse momento, tinham que dormir no porão, às vezes em esteiras no meio da cozinha, ou em qualquer espaço da zona de serviço da casa – que a partir do século XIX passou a ser acoplada aos casarões. Em residências que não tinham quarto para hóspedes, as visitas acabavam dormindo juntamente com os cativos. É importante destacar que ainda que os escravos não fossem desconhecidos das famílias, eles eram tratados como se fossem. Na realidade, os escravos eram tratados de uma maneira pior, visto que se houvesse um quarto para as visitas, eles não podiam dormir nesses ambientes.

Do século dezoito para trás as dependências de serviço eram isoladas do resto da casa. A partir da influência luso-mineira, houve uma mudança no partido arquitetônico rural, considerando as fazendas paulistas. Essa novidade das zonas de serviços agregada ao corpo principal da casa formou um “partido que seria o mais tradicional na zona rural paulista no século seguinte, a planta em ‘L’” (BENINCASA, 2007, p.15).

Esse período – de acomodação entre a tradicional arquitetura rural praticada em terras paulistas e as inovações trazidas pelos novos moradores vindos de Minas Gerais – produziu muitos exemplares que chegaram aos dias atuais e ajudam a compreender a arquitetura rural praticada no período de predominância do café. (BENINCASA, 2007, p.22)



Fig. 9: Pavimento superior da planta do casarão da Fazenda Pinhal com a zona de serviços já acoplada na residência. Desenho: M. Rosada.

Benincasa (2007) considera que a partir dessa nova solução de planta arquitetônica que aconteceu na primeira metade do século XIX, a inclusão desses anexos de serviço aos casarões passou a surgir em diferentes regiões de São Paulo, seja nos engenhos de açúcar como nas fazendas cafeeiras. Além disso, algumas mudanças aconteceram nas vivências internas das residências.

As barreiras se afrouxam: a convivência entre senhores e escravos, dentro da casa, foi se dando aos poucos e, mesmo cômodos antes apartados, como o quarto de hóspedes, vão sendo cada vez mais inseridos dentro da casa. Os limites de acesso ao seu interior vão diminuindo, porém não deixam de existir. (BENINCASA, 2007, p. 22)

Para Lemos (1999), os casarões mais antigos desse período das primeiras décadas do século dezanove tem como destaque um partido que não manteve uma constância. Essas plantas possuíam diferentes programas e disposições, porém, garantindo sempre que circulações, zona íntima e de cerimônia fossem separadas. Foi na virada desse século XIX, que os escravos passaram a cozinhar mais dentro das casas por motivos também de conforto. Além disso, era mais uma forma dos senhores manterem controle sobre os serviços.

Na roça e nas fazendas, foi se acostumando à cozinha dentro de casa, em puxados bem feitos ou em alas de taipa, pois as casas já não eram mais retangulares. (...) Agora era normal, como sempre fora no litoral, a casa estar agenciada no lado do engenho, no mesmo espaço arquitetônico. Os poucos escravos negros deveriam estar sob o controle direto do senhor já sem muito cabedal ou sem muita arrogância de chefe. (LEMOS apud VIANA e TREVISAN, 2016, p.9)

No início do século XIX as senzalas não apareciam mais nos jornais brasileiros com este nome. Os anúncios diziam "casas de sobrado", "casas para pretos" ou até mesmo "dependências". Diante disso, o que antes era referido como "senzalas" passou a ser conhecido por um "quarto" integrante da residência dos senhores. Ainda que este cômodo estivesse afastado dos outros ambientes da casa, o qual o acesso ainda era complicado, seja por pequenas escadas ou por locais discretos. A copa e as salas de refeição surgiram entre a cozinha e a sala, enquanto a zona de serviço se mantinha nos fundos ou porões. (FREYRE et al apud MORAIS e MAIA, p.332).

[...] a casa-grande, sob a forma de "casa nobre" de cidade ou de sobrado antes senhoril que burguês, em contato com a rua, com as outras casas, com a matriz, com o mercado, foi diminuindo, aos poucos, de volume e de complexidade social. As senzalas tornando-se menores que as casas de engenho: tornando-se "quartos para criados" ou "dependências". (FREYRE apud MORAIS e MAIA, 2003, p. 152).

Como dito anteriormente, diante das mudanças ocorridas passa a existir então uma integração entre os ambientes de serviço com o resto da casa, mas com a realidade escravista ainda vigente. Viana e Trevisan (2016) relata que na zona rural brasileira, a partir da segunda metade do século XIX, os "imigrantes de diversas origens começavam a exigir modificações na forma de morar como novos trabalhadores" (p.9).

Devido à crise do sistema escravocrata, iniciada em 1830 (proibição do comércio legal) e finalizada em 1888 (Lei Áurea), imigrantes vindos da Europa foram trabalhar nas grandes fazendas. O fim da escravidão tornou os grandes casarões nada funcionais, além de dispendiosos, sem os escravos. (VIANA e TREVISAN, 2016, p.9).

No próximo subcapítulo, será abordado a moradia escrava no contexto das cidades, considerando as condições, dinâmicas e dificuldades enfrentadas pelos escravos na vida urbana.

1.2. A MORADIA ESCRAVA NAS CIDADES

É importante ressaltar as dificuldades enfrentadas pelos escravos no que se refere à moradia no contexto urbano. Segundo Santos (2006), esses cativos viviam em condições extremamente precárias, muitas vezes dormindo em esteiras no chão úmido dos locais de trabalho, cercados de animais e mercadorias. Outra opção era habitar em cubículos escuros, separados por divisões finas na área da cozinha. Apesar de algumas exceções, como os escravos que residiam em alojamentos independentes nas residências dos senhores nos subúrbios, a maioria dos escravos urbanos enfrentava condições de habitação insalubres e desfavoráveis. A realidade do escravismo urbano poderia ser retratada como uma:

Cena da escrava de uma família pobre do Rio de Janeiro, que saía todas as manhãs em busca de trabalho – pois, provavelmente era a principal fonte de renda da casa -, e à noite voltava para a residência de suas senhoras com o jantar (um cacho de bananas) e descansava na esteira que, durante o dia, era usada por sua proprietária como mobília da casa. (SANTOS, 2006, p. 27).

De acordo com Santos (2006), quando se tratava de cativos de senhores pobres, era comum que fossem morar longe de seus proprietários, e muitas vezes os senhores consentiam com essa prática. Os escravos alugavam quartos ou choças na região central da cidade, onde havia uma grande oferta de serviços que poderiam ser executados pelos escravos. Infelizmente, várias doenças afetavam os cativos, e essas doenças tinham seus efeitos potencializados pelo mau tratamento que recebiam. Os escravos urbanos poderiam desempenhar uma variedade de funções, desde atividades simples, como carregamento, até atividades altamente especializadas, como certas modalidades de artesanato.

No Brasil a vida doméstica nas casas antigas era centrada na parte dos fundos, enquanto a fachada voltava-se para dentro e, às vezes, apresentava pequenos jardins. Segundo Novais e Souza (2018), devido ao clima quente predominante e à falta de ventilação devido à escassez de portas e janelas, os moradores eram atraídos para as áreas externas tanto durante o trabalho quanto nos momentos de lazer. Os autores afirmam que nas residências mais espaçosas e ricas, o espaço do alpendre nos fundos ou uma varanda propriamente dita era utilizado para refeições. Além das áreas de serviço, como o quintal, também podia haver a presença de uma senzala e

uma secreta. A secreta, muitas vezes, consistia apenas em um buraco na terra utilizado para fins de higiene e, em alguns casos, localizado abaixo do qual os chiqueiros poderiam ser instalados. Em inventários antigos, como o de Catarina Ribeiro datado de 1688 em São Paulo, é mencionado "cozinha e aposento fora no quintal e secreta de taipa de pilão tudo coberto de telha".

"Na maioria das vezes, todavia, era o urinol e os potes ou tigres que recebiam os excrementos, esvaziados depois pelos escravos, nas praias ou nos terrenos distantes. Quanto aos cativos, quando por falta de espaço não dispunham de uma senzala ou galpão, esticavam à noite suas esteiras em qualquer lugar, inclusive na cozinha, próximas ao fogão. Tal era o costume nas casas mais simples de cidade, que dispunham de um ou dois escravos para todos os serviços. Nos sobrados do século XVIII e XIX, os escravos dormiam no porão ou no rés do chão. No mundo rural, como é sabido, as senzalas sempre presentes nas grandes fazendas abrigavam um número bem maior de escravos." (NOVAIS E SOUZA, 2018, p. 95)

Para Novais e Souza (2018, p. 103), no Brasil era uma prática comum que os fogões e jiraus fossem colocados fora das casas, sendo responsabilidade das escravas, mesmo em regiões mais frias, como no Sul do país. Essa alternativa arquitetônica pode ser interpretada como uma maneira de estabelecer uma separação de espaços entre os senhores e seus escravos. Ao longo dos séculos, essa dinâmica foi se alterando à medida que as refeições adquiriam uma importância maior como momentos de convívio familiar, tornando-se evidente a conveniência de ter a cozinha localizada no interior das residências.

De acordo com Reis (2014), os principais estilos de residência eram o sobrado e a casa térrea, cada um com suas distinções marcantes. Uma das diferenças essenciais residia no tipo de piso: o sobrado possuía um assoalho, enquanto a casa térrea tinha um piso de "chão batido". Essas características estabeleciam uma relação entre os tipos de moradia e as camadas sociais: residir em um sobrado era um sinal de riqueza, enquanto habitar uma casa de "chão batido" indicava uma condição mais modesta. Em virtude disso, os pavimentos térreos dos sobrados, quando não eram utilizados como lojas, eram destinados à acomodação de escravos e animais, ou muitas vezes permaneciam quase vazios, sem serem ocupados pelas famílias dos proprietários.



Fig. 10: Imagem mostrando um sobrado e o título “A produção e o uso da casa baseavam-se no trabalho escravo” retirado do livro. Fonte: Reis, Quadro da Arquitetura no Brasil, p. 29

A ocupação dos edifícios dependia principalmente da disponibilidade de mão de obra, que frequentemente era abundante. Segundo Reis (2014), os escravos desempenhavam diversas funções, resolvendo problemas relacionados ao abastecimento de água, à gestão do esgoto em barris conhecidos como “tigres” e ao manejo do lixo, especialmente nos sobrados mais altos localizados nas áreas centrais, que podiam chegar a ter quatro, cinco ou até seis pavimentos. Todo o funcionamento da casa, assim como sua construção, era sustentado pelo trabalho escravo, o que resultava em um nível tecnológico bastante rudimentar. Esse mesmo nível tecnológico se refletia nas cidades, cujo funcionamento, de forma indireta, estava intrinsecamente ligado à escravidão.

“A ausência de equipamentos adequados nos centros urbanos, quer para o fornecimento de água, quer para o serviço de esgoto e, mesmo, a deficiência do abastecimento, eram situações que pressupunham a existência de escravos no meio doméstico; a permanência dessas falhas até à abolição poderia ser vista, até certo ponto, como uma confirmação dessa relação.” (REIS, 2014, p. 26)

Apesar da abolição da escravidão, o cômodo dos fundos continuou a existir, ainda que tenha passado por importantes mudanças, acumulando símbolos e significados. Os antigos escravos tornaram-se trabalhadores assalariados e passaram a reivindicar melhores aposentos, deixando de dormir em porões abafados e úmidos, com direito a dormitórios e banheiros (LEMOS, 1978). No entanto, a exploração continuou sendo uma triste realidade na sociedade. No próximo subcapítulo, será abordada especificamente a configuração desse ambiente nas residências brasileiras após a abolição da escravidão.

1.3. QUARTINHO DOS FUNDOS NO PÓS-ABOLIÇÃO

Após a abolição da escravidão, com o crescimento populacional nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, surge-se uma classe burguesa residindo casarões e pequenos palacetes. Viana e Trevisan (2006) descreve que nesse período, as ofertas de emprego tinham preferência para os imigrantes do que para os negros e mulatos livres. As residências desse tempo não possuíam mais zonas de serviço na parte externa da casa. As áreas molhadas saíram das partes externas das residências e foram para o interior, visto que agora existia sistema de abastecimento de água encanada. O cômodo da “criada” se mantinha próximo à cozinha.



Fig. 11: Casa burguesa paulista (1896) com o quarto de “criada” nos fundos. Fonte: Lemos, Cozinhas, etc., p.141 (com alteração da autora).

No início do século XX, o quarto de “criada” não era considerado muito necessário nas residências, o que acabou mudando com o passar dos anos. Para Viana e Trevisan (2006), “as cozinhas continuavam como um anexo, sempre ligadas aos quintais e à copa – novo ambiente surgido nas casas urbanas, que isolava a cozinha e o empregado doméstico do restante da casa e da família”.

Pode-se dizer que a senzala foi o desenho que em sua proposta arquitetônica inicial – pequenos cubículos afastados da residência – passou a ser seguido nos chamados “quarto para criado” ou “puxadas” junto à cozinha ou em “pseudo-despensas ao lado do fogão”, sendo o mesmo separado e segregado externamente da residência dos patrões, configurando-se como acomodações com qualidades espaciais, em dimensões e às vezes em arejamento, superiores às escravistas. (LEMOS, 1978, p. 135)

Lemos (1978) relata que nas habitações de classes mais privilegiadas, os arquitetos, principalmente os que eram de fora, faziam projetos incluindo este quartinho dos fundos dentro das residências, como se esses serviçais fossem parte da família, porém, com uma convivência limitada, o que para algumas pessoas era uma situação desconfortável. Devido a isso, acaba surgindo as “edículas”, com características muito semelhantes do que antes era senzala. Espaços de exclusão externos ao corpo principal da casa, localizada no fundo do lote, limitando o lugar do trabalhar doméstico, normalmente, como um quarto, um banheiro e uma saída independente para a área externa da casa. Viana e Trevisan (2006) explicam que esse “espaço foi incorporado ao conjunto edilício, porém próximo às áreas menos valorizadas (cozinha e lavanderia). Algo perpetuado nos edifícios residenciais em altura a partir da década de 1930” (p.11).

(...) a edícula na casa burguesa veio fixar um ponto de vista firmado e esclarecer uma situação algo confusa e indefinida, desde a abolição: a empregada assalariada, a ex-escrava, por conveniência das duas partes, ganhara acomodações decentes; quarto e banheiro. Apartamento fora, com acesso livre para a rua (...). Antes a senzala, ou os quartos nos quintais ou águas-furtadas. Agora, a edícula, com quarto e banheiro. (LEMOS, 1978, p. 142)

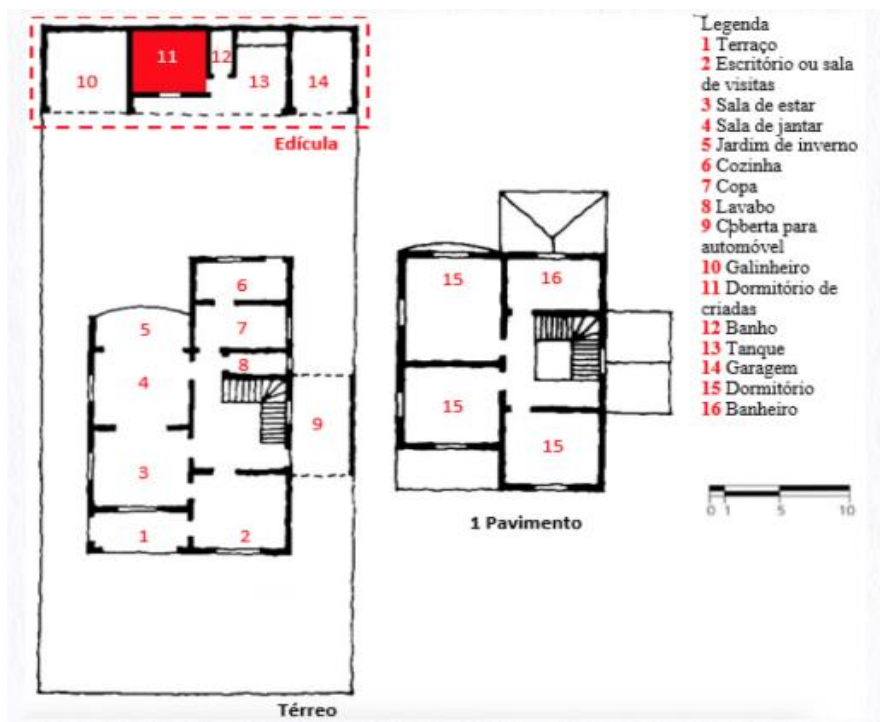


Fig. 12: Desenho representando espaço da edícula. Fonte: Reis Filho apud MORAIS e MAIA, 2017, p. 338. Editado por Fernando Morais.

Com o crescimento das grandes cidades seguido de um déficit habitacional, tornou-se necessário construir diversas habitações em um único espaço. Em São Paulo, por exemplo, no século XX, a ideia de viver em edifício verticalizado surgiu como uma opção a contragosto para grande parte da classe média, que impossibilitada de morar nas casas da burguesia, não tinha outra escolha viável além do sobradinho geminado nas áreas afastadas da cidade. Assim, a alternativa de permanência próxima à região central trouxe como consequência a necessidade de adequação da planta da casa para o edifício de apartamentos.

(...) Edifícios de apartamentos surgem em áreas centrais de modo tímido, rejeitados inicialmente, mas apreciados pela classe média nos anos 1950. Tentativas de reprodução de um palacete (atrais clientela), essas residências se tornaram mais compactas do que as casas unifamiliares. Mesmo assim repetiam os espaços e cômodos presentes nas casas tradicionais, com as áreas acompanhando a mesma setorização burguesa tripartite (social íntimo e serviços). (VIANA e TREVISAN, 2016, p. 11)

Dessa maneira, os prédios residenciais se preocuparam em manter a hierarquia e o zoneamento existente nas casas burguesas, o que dentro do tema é notável pela segregação das áreas de circulação de serviço e social, passagem esta que “separa o caminho da empregada, do fornecedor, do percurso ‘nobre’ do

proprietário” (LEMOS, 1978). Era necessário mostrar que o novo modo de viver impunha uma distância clara entre patrões e empregados: “Precisava-se alardear que apartamento era casa de família, casa de respeito. Moradia completa, com copa e cozinha, salas de jantar e de visitas, e com acomodações para a criadagem, principalmente”. (LEMOS, 1978, p.162)

Na arquitetura brasileira, esta disposição comum dos ambientes composta por três espaços diferentes que se separam em social, íntimo e de serviço, é chamada de “tripartição burguesa”. Reflexo direto do período da escravidão, os espaços designados para uso das empregadas domésticas, localizam-se na área de serviço, diretamente ligada à cozinha, lavanderia ou despensa. Segundo Lemos (1993):

O “morar à francesa” pressupunha a divisão da moradia em três zonas distintas: a de estar e receber, a de repousar e a de serviço. Necessariamente devia-se ir de uma para a outra, sem passar pela terceira. Esse critério de distribuição, já de início, exigia acesso direto da rua à área de serviço e esse fato, aliado à passagem dentro do lote de viaturas e dos cavalos ali estabulados, fez com que naturalmente surgissem recuos laterais. Assim, surgiram os palacetes paulistanos arrodoados de jardins, quase todos providos de porões ditos habitáveis, onde ficavam as dependências de serviço, como lavanderia, despensas, quartos de empregada e, inclusive, a cozinha. Até certo ponto, esse agenciamento foi uma espécie de violência, pois ainda estavam arraigados os hábitos centenários da cozinha ao pé da sala, com a patroa, por mais rica que fosse circulando daqui para ali, em permanente contato com as empregadas domésticas, cuja presença ainda estava ligada ao regime servil, embora esses palacetes tenham se proliferado somente a partir de 1890, pelo menos em São Paulo. (LEMOS, 1993, p.95)

Nesse contexto, o quarto de empregada, ainda que não estivesse vinculado a um quintal, continuou possuindo uma forte carga das heranças do período escravo, mantendo-se isolada e excluída do restante da casa, próximo às áreas de serviço e cozinha. Em edifícios verticais, para haver o acesso dos trabalhadores domésticos à casa sem precisar passar pelos outros cômodos, surgiu o elevador e a porta de serviço.

(...) Os quatinhos de empregada somente adentraram o interior do setor de serviço dos apartamentos a partir do lançamento dos edifícios voltados para a classe de renda média, o que ocorreu a partir dos anos de 1940. Neste período, já é possível observar a presença de elevadores de serviço e portaria separada nos projetos de edifícios. (VANINI apud LIMA e TOLEDO, 2018, p. 80)



Fig.13: Fotografia tirada em 1988 de uma moradora do edifício pedindo o elevador social e uma empregada doméstica esperando pelo elevador de serviço. Fonte: Novais et al. apud Viana e Trevisan, História da vida privada no Brasil, 1998, v. 4, p. 212.

A partir da retrospectiva do “quarto de despejo”, é possível notar que desde o período escravocrata, quando os trabalhadores domésticos eram escravos e viviam nas senzalas, existe uma relação de “repulsão” entre os senhores x escravos, que logo adiante passou a ser entre patrões x funcionários. As senzalas não eram construídas com uma visão humanista. A intenção era apenas “guardar” os negros, como se fossem mercadorias – o que de fato, na época, eles eram. Após a abolição da escravatura no Brasil, a senzala deixa de existir para que assim surja este ambiente que conserva algumas ideias vindas do período colonial: um cubículo para dormida, janelas pequenas e abertas para a zona de trabalho (área de serviço), controle sobre a jornada de trabalho e tempo de descanso dos trabalhadores, que muitas vezes, inclusive, acabam se afastando das suas famílias.

2. O QUARTO DE DESPEJO DAS INJUSTIÇAS SOCIAIS

O conceito de “quarto de despejo” veio da escritora brasileira Carolina de Jesus, que em sua condição de negra, favelada e catadora de papel, escreveu um diário, lançado como livro posteriormente, chamado “Quarto de Despejo”, no qual ela relata suas vivências e rotina na favela do Canindé – São Paulo, junto à de sua família e vizinhos. Carolina traz a realidade do Brasil dos anos 60, apresentando a identidade

nacional que se instituiu em um mito unificador: o da democracia racial. Desde o período colonial até 2021, em meio à pandemia, todos os índices de desenvolvimento humano apontam a população negra como a de pior situação, resultado da sociedade opressora patriarcal/racista/capitalista.

(...) o mito da democracia racial apresentou-se como uma saída estratégica das elites brasileiras para a suposta inviabilidade do Brasil se desenvolver devido à sua alta miscigenação populacional. Aquilo que era visto negativamente pelas ciências em defesa da eugenia - o “darwinismo social” - foi contestado pela sociologia modernista de Gilberto Freyre, que colocou a suposta ausência de consciência de raça do colonizador português como um diferencial na formação da identidade nacional brasileira. (...) A capacidade de resolução dos conflitos e o equilíbrio dos antagonismos sociais foram as marcas desse Brasil antropofágico, conforme noção modernista, que poderia dar sua contribuição ao mundo justamente por esse potencial de mistura e hibridismo. O mito da democracia racial foi uma solução sofisticada para um problema de pluralismo racial e cultural, mas também de desigualdade socioeconômica diretamente vinculada ao estatuto da raça. (BRAGA e MILANI, 2019, p. 14)



Fig.14: Fotografia de Carolina de Jesus com seu livro “Quarto de Despejo”. Disponível em: <<https://jornalzonasul.com.br/carolina-maria-de-jesus-historia-pode-ser-redescoberta-em-exposicao-no-ibirapuera/>>. Acesso em: 22 de nov. de 2021.

Dentro do contexto urbano, a favela pode ser encarada como o “quarto de despejo” da cidade. É na favela onde vivem as pessoas marginalizadas, que compõe a categoria de indivíduos com “pouco estudo” e oportunidades. Uma realidade de muita luta por sobrevivência retratada por Carolina de Jesus em seu livro. É possível fazer um paralelo entre os cômodos destinados às empregadas com esses espaços urbanos, visto que muitas das trabalhadoras domésticas saem desse “quarto de despejo” da cidade para ir direto para seus ambientes de trabalho e morada. A vida é ambígua, mas a segregação continua no trabalho doméstico, visto que mesmo com as trabalhadoras sendo tratadas como se fossem “parte da família” por seus chefes, a identidade delas continua como “indigentes”. As regras são estabelecidas: não pode

se aproximar para fazer as refeições junto aos demais residentes da casa, não deve usar os banheiros que não seja o de serviço, existe sempre um limite. Carolina relata essa ambiguidade do interior das residências x favela quando diz:

(...) Às oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p.33)

A partir do entendimento desse contexto mais amplo do “quarto de despejo”, nota-se que as injustiças sociais vêm do passado escravocrata brasileiro, com raízes coloniais que nunca foram cortadas. A consequência disso foi a reprodução de uma força de trabalho com origem escravista (o trabalho doméstico) e do processo de urbanização do país com a marginalização dos escravos recém-libertos nas cidades. Apesar da alforria dos antigos cativos, tratando-se de uma sociedade extremamente racista, as oportunidades de emprego para pessoas negras eram escassas devido à discriminação que eles continuavam sofrendo.

(...) Os libertos – quase 800 mil – foram jogados na mais terrível miséria. O Brasil imperial – e, logo a seguir, o jovem republicano – negou-lhes a posse de qualquer pedaço de terra para viver ou cultivar, de escolas, de assistência social, de hospitais. Deu-lhes, só e sobejamente, discriminação e repressão. Embora, de acordo com o historiador Hélio Viana, a maioria dos ex-escravos tenha continuado “a residir nas fazendas, passando a receber salários regulares”, o fato é que, além de esses “salários” serem baixíssimos, alguns milhares de libertos acabaram por se dirigir às grandes cidades – especialmente Rio de Janeiro e Salvador. Lá, ergueram os chamados bairros africanos, origem das favelas modernas. Trocaram a senzala pelos casebres. Apesar da impossibilidade de plantar, acharam ali um meio social menos hostil, mesmo que ainda miserável. (BUENO, 2018, p.152)

Nesse cenário de injustiças sociais, é preciso entender que o privilégio de classe e o racismo estrutural consequente estão ligados às problemáticas que a categoria de trabalhadoras encara em sua jornada de lutas por direitos e igualdades de condições dignas de trabalho. No próximo subcapítulo, a partir da compreensão do “quarto de despejo” pelas raízes históricas de herança escravagista, haverá uma explicação de como se caracteriza o trabalho doméstico atualmente e qual é o perfil das pessoas que ocupam esse ambiente.

2.1. O TRABALHO DOMÉSTICO: UM OLHAR DE CLASSE E GÊNERO

O trabalho doméstico no Brasil teve como marco inicial o período da escravidão, quando homens, mulheres e até mesmo crianças negras africanas eram submetidas a jornadas de trabalho cansativas e prolongadas, raramente inferiores a 18 horas diárias. Começou no século XVI, com o tráfico dos primeiros homens e mulheres da África para as colônias brasileiras, até depois do século XIX, com a efetivação das leis abolicionistas. Daí em diante, os serviços domésticos foram definidos como a única realidade existente para mulheres que fossem pretas e pardas, que, ainda que fossem livres, eram isoladas de trabalhos que pudessem ser rentáveis. Angela Davis traz a reflexão à cerca disso quando revela o “caráter ambíguo assumido pelo trabalho assalariado doméstico em uma economia capitalista: a trabalhadora doméstica é, ao mesmo tempo, uma assalariada (...) e alguém apartado do mercado de trabalho (...)” (BRANDÃO, 2019, p.105).

[...] as trabalhadoras domésticas tentaram redefinir seu trabalho, rejeitando o papel de dona de casa substituta. As obrigações da dona de casa são intermináveis e indefinidas. A primeira reivindicação das trabalhadoras domésticas foi o delineamento nítido do trabalho a ser realizado por elas. [...] Enquanto as trabalhadoras domésticas permanecerem à sombra da dona de casa, continuarão a receber remunerações que mais se aproximam das “mesadas” da dona de casa do que do salário de uma trabalhadora. (DAVIS apud BRANDÃO, 2019, p. 239- 240).

Durante 100 anos os direitos trabalhistas foram negados aos empregados domésticos brasileiros, como uma herança desse passado tão recente. O emprego mal remunerado, desvalorizado e sem jornada fixa de trabalho. Muitos desses direitos só foram conquistados em 2013, depois que o Projeto de Emenda Constitucional n.º 72/2013, popularmente chamado de “PEC das Domésticas”, foi aprovado e resultou na Lei complementar n.º 150/2015, dando direitos trabalhistas básicos para essas trabalhadoras.

A LEI COMPLEMENTAR Nº 150, DE 1º DE JUNHO DE 2015 regulamentou outros 7 (Sete) benefícios deferidos pela emenda constitucional, a chamada PEC 72/13, que, por mais polêmicos, ainda aguardavam regulamentação para a entrada efetiva em vigor. São eles: adicional noturno; obrigatoriedade do recolhimento do FGTS por parte do empregador; seguro-desemprego; salário-família; auxílio creche e pré-escola; seguro contra acidente de trabalho e indenização em caso de despedida sem justa causa. (FRANCISCO et al, 2015, p.789)

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) afirma que o trabalho doméstico “pode incluir tarefas como limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, cuidar de crianças e pessoas idosas ou doentes, cuidar de jardins, proteger a casa, dirigir para famílias e até mesmo cuidar de animais domésticos”. Embora ainda exista a presença de figuras masculinas que desempenham o serviço de trabalho doméstico, sabe-se que, historicamente, essa atividade é quase exclusiva das mulheres. Culturalmente, os homens que assumem a função de trabalhadores domésticos, geralmente, ficam mais responsáveis por outras categorias desse tipo de trabalho, como jardineiro, motoristas e cozinheiros, enquanto as mulheres assumem as outras funções.

Em relação ao mercado de trabalho brasileiro, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior parte da população ocupada é constituída por homens, que ocupam 56,5% dessa distribuição percentual, enquanto as mulheres estão em número de 43,5% (Fig.15). Porém, tratando-se de empregos domésticos, tem-se um percentual maior de mulheres ocupando esse tipo de trabalho, com 92,5%, enquanto sobram 7,5% para os homens (Fig.16).

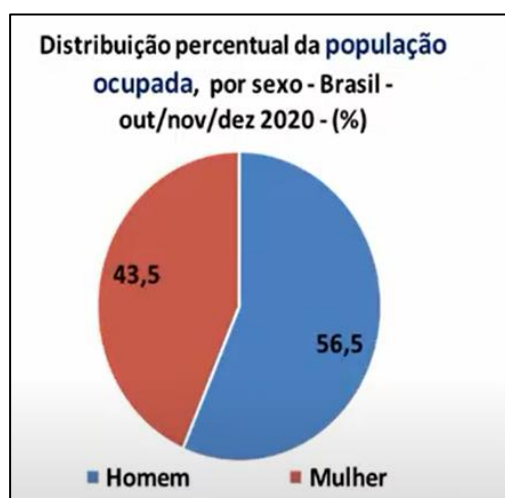


Fig.15: Gráfico mostrando a proporção da população, por sexo, ocupada no Brasil. Fonte: IBGE, 2020.

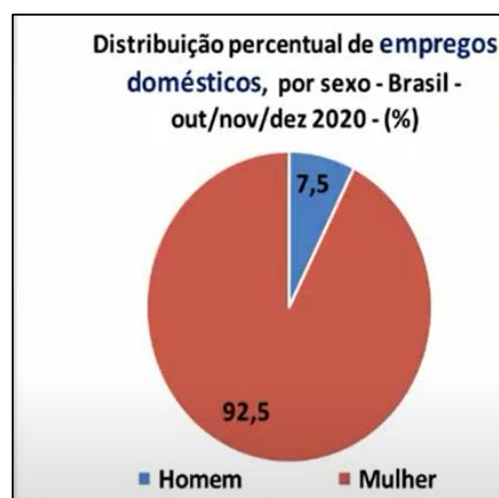


Fig.16: Gráfico mostrando a proporção da população, por sexo, que ocupa empregos domésticos. Fonte: IBGE: 2020.

Os dados do IBGE apontam outros recortes em relação ao trabalho doméstico, que continua sendo precário, mal remunerado e transpassado pela baixa proteção social, discriminação e assédio. As empregadas domésticas são em maior número negras (Fig.17), de baixa escolaridade e de famílias de baixa renda; famílias sustentadas por esse trabalho há gerações, muitas vezes por não ter outra opção.

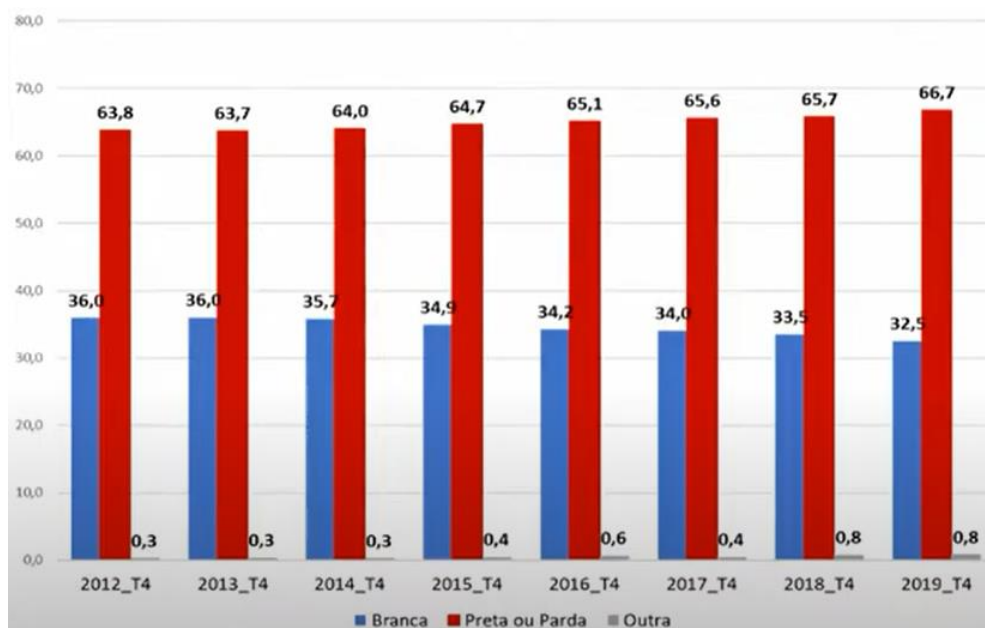


Fig.17: Gráfico mostrando a distribuição dos trabalhadores domésticos, por cor ou raça – 4º trimestre. Fonte: IBGE, 2020.

Diante da pandemia de 2020-2021, muitas pessoas tiveram que trabalhar de forma remota, e com isso, dispensaram as funcionárias fixas e com carteira assinada, assumindo assim as tarefas domésticas, ou contratando faxineiras e diaristas. A consequência disso foi o aumento do desemprego e da informalidade, que já era grande na categoria de “trabalho doméstico”. Ao longo de 2020, um milhão e quinhentas mil pessoas perderam o emprego nessa atividade, segundo o IBGE.



Fig.18: Dados mostrando a diminuição do número de trabalhadoras domésticas em atividade. Fonte: IBGE, 2019 e 2020. Elaboração: DIEESE.

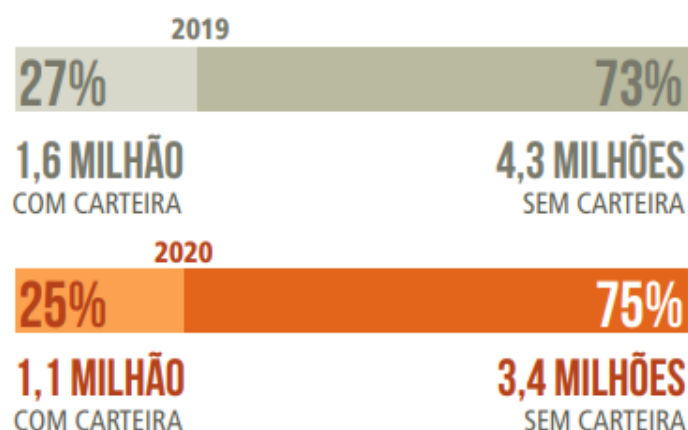


Fig.19: Dados mostrando a redução do trabalho com e sem carteira assinada. Fonte: IBGE, 2019 e 2020. Elaboração: DIEESE.

Analizando os dados, pode-se perceber que a informalidade no trabalho doméstico ainda é grande, o que tem consequências na relação entre patrão e empregado, que muitas vezes se aproveita dessa condição da trabalhadora para explorar. O trabalho doméstico no Brasil, visivelmente, tem gênero, raça, cor e classe. Um trabalho com uma forma de inserção muito característica. No próximo capítulo haverá uma apresentação de como está o atual “quarto de despejo” nas residências brasileiras e quais novas características esse ambiente ganhou.

3. QUARTO DE DESPEJO: ATUAL REALIDADE

Como visto no primeiro capítulo, durante o percurso de toda história da arquitetura brasileira, o quarto de despejo (ou “quarto de empregada”, “quartinho”, “quarto dos fundos”, “dependências de empregada”) esteve inserido de forma predominante nos programas de necessidades das residências voltadas às classes médias e de elite, sendo uma sucessão do período colonial, sofrendo mudanças de localização desprivilegiadas dentro do interior das casas unifamiliares – nos fundos ou no quintal, no porão, no sótão ou separada do restante da residência sob a forma de edícula – e, posteriormente, no interior de residências multifamiliares, perpetuamente ligada e perto da área de serviço, enquanto “determinador da identificação funcional e social” (MORAIS, 2017, p.3).

“Quartinho” talvez seja a palavra mais utilizada hoje em dia para designar o quarto de empregado nas residências brasileiras. Porém, há um sentido pejorativo nessa palavra, não pela palavra em si, mas pelo que ela possa

significar, dado o contexto. Ao ser utilizada no diminutivo, pode indicar um lugar pequeno, mas também menosprezado ou, até mesmo, ruim. Esse ambiente ainda aparece em considerável número de habitações da atualidade. Se já o compreendemos no passado, nada mais natural do que compreendê-lo no presente. (VIANA e TREVISA, 2016, p.12)

Devido à herança histórica da escravidão na sociedade brasileira, em que os escravos trabalhavam nas casas rurais e urbanas durante o período colonial e imperial, o trabalhador doméstico no século XX assumiu o papel de ajudante do lar. Inicialmente, esses trabalhadores não possuíam os mesmos direitos trabalhistas que os demais assalariados, o que reflete a desigualdade de direitos e oportunidades presentes em nossa sociedade até hoje.

Se, no passado, o chamado “quarto de serviço”, mais conhecido como “quarto de empregada”, era presente em praticamente todo apartamento de classe média nas grandes cidades brasileiras, hoje esse espaço é reconhecido como um símbolo da segregação de classe e da desigualdade social sofrida pelas trabalhadoras domésticas e está se tornando cada vez mais incomum nos projetos arquitetônicos atuais. Um dos motivos para esse cômodo estar cada vez mais apagado dos projetos arquitetônicos foram as mudanças na legislação trabalhista, que concedeu direitos e proteção às trabalhadoras domésticas. Essa mudança tem sido um dos fatos determinantes para o desaparecimento gradual desse espaço nas casas e apartamentos de classe média, principalmente, uma vez que as trabalhadoras agora têm mais oportunidades de trabalho formal e melhores condições de trabalho, onde dormir ou não no emprego é uma escolha.

A regularização da profissão começa apenas em 11 de dezembro de 1972, com a Lei presidencial n.º 5.859 que a conceitua e lhe atribui direitos. Em 1988, com a nova Constituição Federal, aparecem outros direitos, como o repouso semanal remunerado, que já começaria a mudar certos hábitos dentro das residências. Antes disso, era comum encontrar uma cultura nas classes média e alta de que a empregada doméstica, vinda muitas vezes do interior, sem perspectiva de melhores condições de vida na cidade natal, dormisse na casa onde trabalharia, assim como acontecia desde a época das senzalas. Dessa forma, havia a necessidade de manter o quarto de serviço na composição funcional das habitações. Uma vez dormindo, tais empregados, na grande maioria mulheres, trabalhavam sem turno definido, manhã, tarde, noite e, também, de madrugada, caso fosse necessário. (Viana e Trevisan, 2016, p. 13)

De acordo com Viana e Trevisan (2016), por muito tempo, a presença do quarto de serviço foi um sinal de status e prestígio social na sociedade brasileira. Ter um espaço destinado exclusivamente aos empregados domésticos era visto como um

indicador de alto poder aquisitivo, especialmente se o imóvel contasse com mais de um quarto para a equipe de funcionários. Ainda segundo os autores, ter uma ala de serviço com vários quartos era considerado um luxo, sugerindo que a família proprietária da casa ou apartamento tinha uma equipe de empregados ainda maior. No entanto, é importante lembrar que essa valorização do quarto de serviço está em desuso, refletindo a mudança de valores e costumes da sociedade brasileira.

O quarto de serviço ainda é encontrado em apartamentos de grande porte, mas representa tanto o passado quanto a desigualdade e o racismo estrutural do Brasil. Segundo Tieghe e Gavras (2022), atualmente, os apartamentos com esse tipo de cômodo são raros e normalmente encontrados apenas em unidades maiores, que representam uma pequena parcela do mercado imobiliário brasileiro. Em 2021, apenas 1% dos apartamentos lançados em São Paulo tinham mais de 180 metros quadrados, de acordo com o Sindicato da Habitação de São Paulo (Secovi-SP).

Nos dias atuais, os apartamentos estão se tornando cada vez menores, o que leva a uma redução significativa no tamanho dos ambientes, especialmente em empreendimentos voltados para a classe média. Com isso, o quarto de serviço tem perdido espaço em projetos arquitetônicos e, muitas vezes, acaba saindo de cena em apartamentos que possuem de um a dois quartos. Essa nova realidade tem gerado mudanças no modo como as famílias se organizam dentro dos apartamentos, tornando-se cada vez mais comum a utilização de áreas multifuncionais, como salas que se transformam em quartos ou espaços de trabalho que se convertem em quartos de hóspedes. Essa tendência tem sido abordada em diversos estudos sobre arquitetura contemporânea, como o artigo de Costa et al. (2003) que destaca a importância de se pensar em alternativas para melhorar a qualidade de vida dos moradores, diante do cenário de espaços cada vez menores.

Nos últimos anos, as famílias têm preferido contratar diaristas para realizar serviços domésticos por um período determinado, sendo remuneradas por hora ou dia. Para Trevisan e Viana (2016), isso faz com que o "quartinho" deixe de ter sua função original nas habitações atuais. Como muitas residências foram projetadas no século passado, o quarto de serviço ainda está presente em muitas delas, mas agora é utilizado para outras finalidades, como despensa, escritório, quarto de despejo ou visitas, ou até mesmo para um membro da família que busca mais privacidade.

Para esta pesquisa, foi realizado um estudo que incluiu a análise de 14 diferentes tipologias de apartamentos, considerando principalmente a presença ou não do quarto de serviço. O levantamento das plantas foi feito a partir de anúncios publicitários de construtoras em seus respectivos sites. Observou-se que, de forma geral, os apartamentos com menor metragem (Figura 20, 21, 22, 23), voltados para classe média, não possuem o quarto e nem o banheiro de serviço, enquanto os imóveis intermediários (Figura 24, 25, 26), já tem a presença do banheiro de serviço. Nos apartamentos de maior área, por sua vez, (Figura 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33), com exceção do apartamento da Figura 30, que tem apenas o banheiro de serviço, o quarto de serviço completo (quarto mais banheiro) é um elemento presente. Os apartamentos de alto padrão, com metragens acima de 200m², frequentemente contam com a dependência completa.

Figura	Área total m²	Quantidade de quartos	Quarto de Serviço	Ano de lançamento	Construtora	Local
20	44,02	02	Não	2023	Sertenge	Salvador/BA
21	45,74	02	Não	2022	MRV	Salvador/BA
22	64	02	Não	2022	MRV	Lauro de Freitas/BA
23	64,70	02	Não	2022	Cyrela	Porto Alegre/RS
24	79,95	02	Não	2022	Mota Machado	São Luís/MA
25	96,47	03	Não	2023	Sertenge	Salvador/BA
26	106	03	Não	2022	Mota Machado	Teresina/PI

27	109	03	Sim	2022	Mota Machado	Teresina/PI
28	141	03	Sim	2022	Mota Machado	Teresina/PI
29	111,3	03	Sim	2022	Mota Machado	Fortaleza/ CE
30	123	03	Não	2022	Cyrela	São Paulo/SP
31	215	04	Sim	2022	Mota Machado	São Luís/MA
32	231,5	04	Sim	2022	Mota Machado	Fortaleza/ CE
33	242,4	04	Sim	2022	Mota Machado	Fortaleza/ CE



Fig. 20: Planta baixa de apartamento no condomínio Seletto Salvador em Salvador/BA. Disponível em: <<https://www.sertenge.com.br/imovel/lancamentos/bahia/seletto-salvador-norte>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 21: Planta baixa de apartamento no condomínio Solar Vista Mar em Salvador/BA. Disponível em: <<https://www.mrv.com.br/imoveis/apartamentos/bahia/salvador/piraja/solar-vista-mar>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 22: Planta baixa de apartamento no condomínio Residencial Vista do Jones em Lauro de Freitas/BA. Disponível em: <<https://www.mrv.com.br/imoveis/apartamentos/bahia/salvador/piraja/solar-vista-mar>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 23: Planta baixa de apartamento no condomínio *Connect* em Porto Alegre/RS. Disponível em: <<https://www.cyrela.com.br/empreendimentos/connect#Plantas>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 24: Planta baixa de apartamento no condomínio *Unique Home Service* em São Luís/MA. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/unique-home-service/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 25: Planta baixa de apartamento no condomínio *Move Itaigara* em Salvador/BA. Disponível em: <<https://www.sertenge.com.br/imovel/lancamentos/bahia/move-itaigara>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 26: Planta baixa de apartamento no condomínio *Mirante Theresina* em Teresina/PI. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/mirante-theresina/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 27: Planta baixa de apartamento no condomínio Mirante Theresina em Teresina/PI. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/mirante-theresina/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 28: Planta baixa de apartamento no condomínio Mirante Theresina em Teresina/PI. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/mirante-theresina/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).

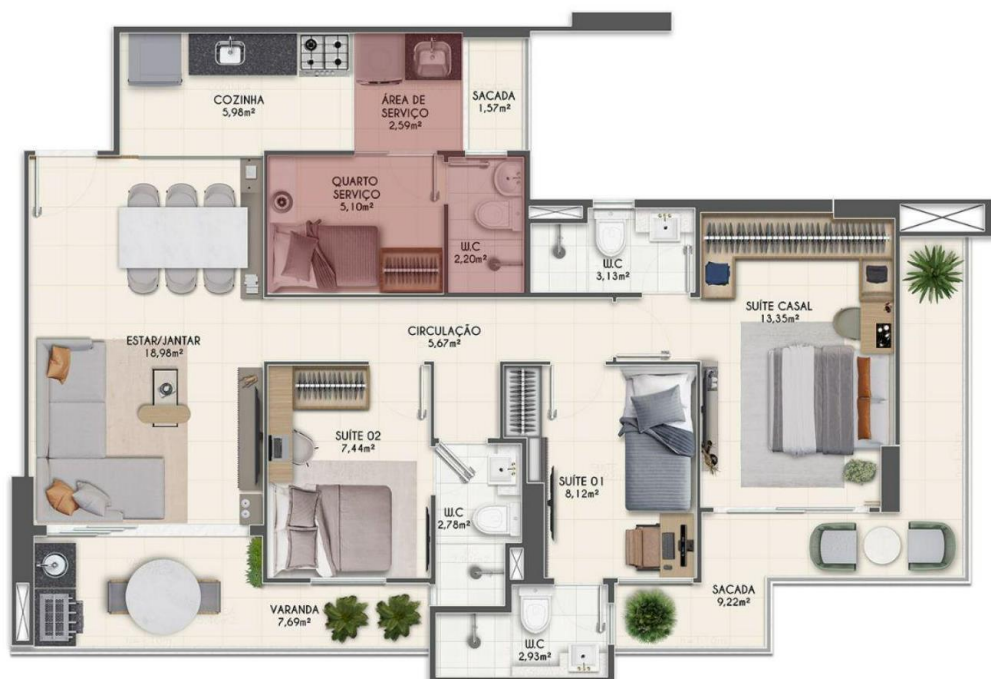


Fig. 29: Planta baixa de apartamento no condomínio Elev Jardins de Fátima em Fortaleza/CE. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/elevjardinsdefatima/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 30: Planta baixa de apartamento no condomínio Eden West em São Paulo/SP. Disponível em: <<https://www.cyrela.com.br/empreendimentos/eden-west>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 31: Planta baixa de apartamento no condomínio *Al Mare São Marcos Design* em São Luís/MA. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/al-mare-sao-marcos-design/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 32: Planta baixa de apartamento no condomínio *Rooftop Canuto 100* em Fortaleza/CE. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/rooftop-canuto-1000/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).



Fig. 33: Planta baixa de apartamento no condomínio *Mirare Collection* em Fortaleza/CE. Disponível em: <<https://motamachado.com.br/imoveis/mirarecollection/>>. Acesso: 22 de abr. de 2023 (com alteração da autora).

Os apartamentos da Figura 26 e Figura 27 são exemplos da transição que está ocorrendo entre aqueles que ainda valorizam a presença de um quarto de serviço em suas residências e aqueles que preferem um cômodo maior, como uma ampla sala de jantar. Esses dois apartamentos possuem a mesma tipologia, porém, um possui quarto de serviço e outro não, o que reflete como as necessidades das pessoas têm mudado e como o sentido desse ambiente se adapta ao perfil dos clientes. Em outros apartamentos, como o da Figura 32, o quarto de serviço é chamado de "vestiário", com uma área minúscula, o que indica que o espaço é projetado como um quarto, mas seu uso não se limita a dormir. Esse exemplo mostra como a nomenclatura do ambiente reflete a mudança de função e a evolução da utilização do espaço dentro das unidades habitacionais.

As incorporadoras e arquitetos têm encontrado maneiras flexíveis de projetar durante a transição do uso do quarto de serviço. Hoje em dia, é comum encontrar apartamentos que possuem essa dependência posicionada de forma estratégica na planta, permitindo que seja transformada em outros ambientes ao modificar uma ou outra parede. É possível transformá-la em um escritório, closet, sala de televisão ou quarto adicional para a área de estar ou corredor, não mais restrito à cozinha, como

era comum no "quartinho". Com isso, os clientes têm a opção de escolher se mantêm o quarto na área de serviço ou o agregam ao núcleo íntimo residencial.

Este levantamento de plantas de apartamentos permitiu verificar a atual realidade das unidades habitacionais e contribuiu para entender que a presença do quarto de serviço pode estar diretamente relacionada com o tamanho e o padrão do imóvel. Além disso, os autores Tieghe e Gavras (2022) expõe a fala de um diretor-executivo da imobiliária Bossa Nova Sotheby's, especializada em imóveis de alto padrão, o qual diz que é comum encontrar o quarto de serviço em residências com área a partir de 200 ou 250 metros quadrados, porém, isso não significa que ele será utilizado para essa finalidade. Na prática, é comum que esse espaço seja transformado em depósito, prataria ou home office, deixando de ser uma área destinada exclusivamente para a trabalhadora doméstica.

Para Trevisan e Viana (2016), os arquitetos das incorporadoras têm encontrado soluções flexíveis para projetar em meio à transição de ter ou não o quarto de serviço nos imóveis. Atualmente, é comum encontrar apartamentos com a dependência de serviço posicionada de forma estratégica na planta, possibilitando sua transformação em diferentes ambientes, como escritório, closet, sala de televisão ou outro quarto voltado para as áreas de estar ou corredor. Isso permite que o cliente escolha manter o quarto na área de serviço ou agregá-lo ao núcleo íntimo residencial. No entanto, é importante considerar que o "quartinho" tem se tornado cada vez menos relevante nas residências brasileiras, uma vez que tem sido mais incomum trabalhadoras domésticas. Diante disso, é necessário refletir e propor novos modelos de habitação que atendam a esse novo estilo de vida.

No contexto da evolução dos espaços arquitetônicos e das mudanças nas relações trabalhistas, é importante refletir sobre a situação das trabalhadoras domésticas que ainda vivenciam os "quartinhos dos fundos". Mesmo com o avanço em relação à antiga realidade, muitas delas ainda enfrentam condições adversas dentro de seus ambientes de trabalho. No próximo capítulo, serão apresentados relatos sobre a realidade dessas mulheres, incluindo seus sentimentos, expectativas e pontos de vista acerca desse espaço.

4. O QUARTO DE DESPEJO: UM OLHAR DE CLASSE, GÊNERO E COR

“Ra, ré, ri, ró, rua
Você vai embora
Que esta casa não é tua
Andas dizendo que eu sou ingrata
(...)
Mas é você quem me maltrata
E a infeliz nessa casa sou eu
Rá rá rá rá”
(JESUS, Rá, Ré, Ri, Ró, Rua)

Com base nas ideias apresentadas ao longo dessa pesquisa em relação às origens do quarto de despejo, a identidade da mulher que exerce esse trabalho e a atual realidade desse ambiente nos projetos arquitetônicos brasileiros, busca-se nesse capítulo trazer a percepção de diferentes trabalhadoras domésticas no que diz respeito a esse cômodo e relatos de suas vivências. O objetivo principal é ir além das generalizações e estatísticas e ouvir diretamente dessas mulheres, de forma individual, como elas de fato se sentem nos seus espaços de trabalho.

Para realizar a pesquisa, foram feitas entrevistas com dez trabalhadoras domésticas, de diferentes idades e baianas. As entrevistas foram feitas durante o período da pandemia do coronavírus (COVID-19), por conta disso os contatos acabaram sendo em grande parte pela plataforma do WhatsApp através de trocas de áudios. Apenas duas das dez entrevistas foram feitas pessoalmente, seguindo as prevenções e os protocolos de segurança contra a covid-19. Todas as entrevistas estão transcritas no apêndice deste trabalho.

4.1. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para o caminho, a estrutura e a realização das entrevistas foi o método cartográfico. Rena (2018) afirma que a cartografia não se trata apenas da experimentação da reflexão, ele diz que “no caso da pesquisa em literatura periférica ou marginal, está em jogo toda uma mudança de postura da prática poética que implica encarmos frontalmente uma lacuna de ordem política na pesquisa tradicional.” (p.24). Para Tedesco; Sade e Caliman:

Diferentemente, a pesquisa cartográfica visa o acompanhamento de processos e, se a entrevista na cartografia inclui trocas de informação ou acesso à experiência vivida, é importante ressaltar que esta não é sua única direção. A cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e incluam seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações. Alinhada à abordagem enativa, a cartografia, sem eliminar os conteúdos informacionais, inclui a gênese desses conteúdos estabelecida na experiência compartilhada que responde pela coemergência de si e de mundo. (2013, p. 301)

O método cartográfico tem como proposta uma visão mais sensível e crítica do espaço, das ações e experiências, a partir das opiniões de diferentes sujeitos que fazem parte do ambiente. A partir das pistas é possível uma compreensão espacial que se relaciona com o desenvolvimento de resistências, empoderamento, experiências políticas, dentre outros pontos relacionados a um olhar mais crítico das problemáticas existentes no dia a dia.

Desse modo, a estrutura do trabalho foi feita a partir da ideia de “pistas”, no caso, foram feitas provocações sobre as vivências das trabalhadoras domésticas em seus espaços de trabalho e dessas respostas foram retiradas as discussões importantes para este trabalho. Foram abordadas as seguintes questões:

1. Se dorme ou não no trabalho e os motivos;
2. Como é o espaço destinado a funcionária na casa;
3. Como utiliza desse ambiente;
4. Se considera o cômodo confortável;
5. O que mudaria no quarto se pudesse;
6. Como se sente em relação ao espaço de trabalho.

A partir da fala de cada trabalhadora doméstica a respeito dessas questões propostas, foram buscadas informações sobre o que de fato motiva ou desmotiva essas pessoas em seus espaços de trabalho, quais são as características em comum desse cômodo e quais são as expectativas dessas mulheres em relação a esse quartinho.

4.2. AS VIVÊNCIAS DENTRO E FORA DO QUARTO DE DESPEJO

Conceição deu início à sua trajetória como trabalhadora doméstica há 30 anos e em todos esses anos o quarto de serviço manteve suas características: um espaço reduzido, com um banheiro igualmente pequeno, uma cama de solteiro e um guarda-

roupa embutido na parede para guardar, além de pertences, entulhos da família. Conceição revela que se sentia um “peixinho fora d’água” na casa em que ela dormia. Hoje, como diarista, ela possui sua própria casa para manter e pode estar perto de sua família, não precisando mais se preocupar com o quarto apertado e desconfortável em que dormia.

Nilda nunca se sentiu confortável com a ideia de ter que dormir no local onde trabalhava. Atualmente, ela possui um emprego formal, com carteira assinada e horário definido para chegar e sair do trabalho. No entanto, mesmo assim, ela questiona o porquê desses quartos de serviço serem tão pequenos e desconfortáveis. Nilda acredita que esses ambientes poderiam oferecer um pouco mais de espaço para as trabalhadoras se movimentarem. Além disso, ela acha fundamental que os quartos tenham pelo menos uma janela, já que muitas das trabalhadoras precisam se trocar e guardar seus pertences nesses locais. Nilda possui expectativas de que os quartos de serviço possam ser melhorados para proporcionar mais conforto e dignidade às trabalhadoras domésticas.

Rosimar nunca dormiu no trabalho e relata que nunca teve a necessidade de dormir. Ela trabalha em uma mesma residência há muitos anos, que fica próxima a sua casa. Ela possui um emprego formal, com carteira assinada, e atualmente o quarto de serviço da casa onde trabalha é utilizado como despensa. No entanto, ela tem um espaço separado para guardar suas coisas, além do próprio banheiro de serviço, onde ela pode tomar banho e se trocar de maneira confortável. Ela relata que tudo é muito organizado, limpo, arrumado e confortável. Não há reclamações.

Cremilda é trabalhadora doméstica há cerca de 5 anos e já precisou dormir algumas vezes no trabalho, mas atualmente não o faz por ser casada. No entanto, ela diz que, se precisasse, faria sem problemas. No lugar onde trabalha atualmente, ela utiliza o quarto como um espaço para guardar suas coisas e descansar. Cremilda se sente confortável no quarto, afirmando que ele é arejado, ventilado e possui uma vista bonita do quintal. Ela se sente “dona” do espaço e não mudaria nada em seu cômodo.

Gildete possui um emprego fixo em uma casa onde o quarto de serviço se transformou em um depósito de tudo que não cabe e não funciona no resto da residência. O cômodo é cheio de entulhos e não sobra espaço para Gildete ficar. Ela desabafa que sente falta de um lugar para descansar após o almoço e lamenta a ausência desse espaço de conforto em suas horas de descanso.

Edinalva não dorme mais no trabalho, devido às explorações que já sofreu no passado. Ela acredita que hoje em dia as trabalhadoras domésticas vivem uma realidade mais favorável do que já foi antes. Edinalva aprecia ter um espaço próprio em seu trabalho, principalmente porque não se sente confortável em compartilhar banheiro com seus empregadores.

Rita usa o quarto de serviço apenas para deixar seus pertences, se trocar e ir embora para sua casa. Ela afirma que já viu muitas casas que não possuem mais esse quarto, apenas um banheiro de serviço.

Jisa já foi explorada em um antigo trabalho onde sua empregadora exigia que ela dormisse em um lençol grosso em frente a porta do quarto dela. Hoje ela não dorme mais em seus trabalhos e costuma utilizar o armário do quartinho de serviço apenas para guardar suas coisas.

Cristiane prefere não trabalhar de carteira assinada, prestando serviços como diarista. Ela revela que apesar de não se manter fixa em nenhum trabalho, ela não gosta de dividir espaço com entulhos. Ela interpreta isso como uma ofensa e acredita que as trabalhadoras domésticas devam ter um banheiro e condições mínimas de conforto.

Criciane afirma que hoje em dia não existe vantagem alguma em dormir no trabalho, pois a maioria dos empregadores não quer pagar conforme a carga horária exercida pelas trabalhadoras domésticas. Sobre o quarto de serviço, ela também se sente desconfortável quando eles são utilizados para entulhar objetos e coisas inutilizadas.

1. Conceição, 47 anos, natural de Jaguaquara/BA, trabalhadora doméstica há 30 anos

“Colocaria um ventilador ou um ar condicionado, porque a gente que é empregada merece, né? Tem muitos lugares que não tem nem janela e nem ventilador. Imagina isso em uma cidade como Salvador? Quente... Em alguns lugares eu passo roupa dentro do quarto e é calor demais. Não dá para aguentar.”

2. Nilda, 44 anos, natural de Laje/BA, trabalhadora doméstica há 20 anos

“Eu queria que esses quartos fossem mais espaçosos, não tão espaçosos, mas com um pouco de espaço para gente caminhar, respirar e que tivesse uma janela. O que

eu falo muito é isso: tem que ter uma janelinha para a gente poder respirar. Acho importante um ventilador também. Imagina aí, um quarto sem ventilador e sem janela, no tamanho de uma despensa... É isso que me deixa indignada! Um quarto ser do tamanho de uma despensa, gente! O quarto é muito pequeno, se eu andar para aqui, eu bato em alguma coisa, bato até na parede. Outra coisa é que eu preferia que o quarto fosse na parte da casa. Seria bem melhor. Por que não na parte da casa? Por que no fundo? Por que na área de serviço? E por que tão pequeno? Por que não tem janela? Né? Deveria ter janela, né?"

3. Rosimar, 50 anos, natural de Itabuna/BA, trabalhadora doméstica há 30 anos

"Eu não mudaria nada no quarto porque nunca cheguei a dormir. Só usava o espaço para trocar de roupa e guardar minhas coisas. Então não mudaria nada, porque sempre foi organizado e arrumado."

4. Cremilda, 48 anos, natural de Jacobina/BA, trabalhadora doméstica há 4 anos

"Meu quarto é arejado, meu quarto é ventilado, eu não mudaria em nada. Tenho uma vista bonita do quintal. É maravilhoso."

5. Gildete, 56 anos, natural de Jauá/BA, trabalhadora doméstica há 38 anos

"Não sei se mudaria. Para falar a verdade, eu não sinto falta de ter um quarto para mim não, porque eu tenho minha casa. Única coisa que eu queria talvez é um lugarzinho para descansar quando terminar o almoço, porque é direito meu. Está na lei. Mas aqui não tem esse espaço não, então eu descanso na minha casa. Quando termino minhas coisas eu vou para casa e quando chego em casa eu descanso. Nas outras casas que trabalhei eu tinha conforto, essa mesma que falei para você que trabalhei 13 anos, eu só saí porque ela faleceu, eu casei. É tanto que quando saí de lá, uma amiga dela sentiu muito, mas aqui eu não tenho conforto nenhum. O quarto daqui não dá nem para a gente descansar, dormir, porque é cheio de bagulho, cheio de coisa, então não tem como. É um quartinho pequeno, tem armário, tem panela, tem uma televisão, que a gente nem liga porque não tem tempo. Até mesmo quando eu termino de tomar banho e quero me trocar, acho o espaço desconfortável. Tudo

apertado... não gosto. Muita bobagem dentro dele. É, acho que talvez isso. Se o quarto fosse maior seria melhor.”

6. Edinalva, 59 anos, natural de Laje/BA, trabalhadora doméstica há 46 anos

“Um quarto com conforto, com uma televisão, um vasilho bonitinho. Não importa que seja um quarto para empregada, que seja um quarto arrumadinho. Não só uma cama jogada. Tem quarto de empregada que dá desgosto, nem todos têm preocupação. É bom a gente ter o nosso cantinho e que ele seja confortável. A gente se sentiria mais abraçada se fosse desse jeito.”

7. Rita, 42 anos, natural de Salvador/BA, trabalhadora doméstica há 22 anos

“Eu aumentaria o tamanho. Para quem dorme é ruim. Não é meu caso. Mas existe muita moça que trabalha dessa forma ainda.”

8. Jisa, 43 anos, natural de Salvador/BA, trabalhadora doméstica há 26 anos

“Os quartos que eu trabalho são uns quartos confortáveis, mas o que eu dormia no Bonfim eu não dormia no quarto não, porque a minha patroa não queria. Ela mandava eu botar um lençol grosso no chão em frente a porta do quarto dela para eu ficar olhando ela a noite toda. Ela não me deixava dormir no quartinho não, ela botava a gente para dormir no chão.”

9. Cristiane, 36 anos, natural de Itabuna/BA, trabalhadora doméstica há 6 anos

“Eu não gosto de dividir espaço com um monte de bagunça. Eu sinto que isso é uma ofensa para a gente. Acho que a gente merece um banheiro, condições mínimas de conforto. Não é porque é empregada que merece estar em um ambiente feio.”

10. Criciane, 27 anos, natural de Itabuna/BA, trabalhadora doméstica há 14 anos

“Se eu pudesse mudar algo eu tiraria esses entulhos, tiraria tudo que é dos patrões, deixava só a caminha para a gente, o guarda-roupa e uma cômoda, porque nas casas que eu trabalhei não ficava só as coisas da gente. Era só uma cama ou um

colchãozinho, e aí tinha malas, as coisas que não guardavam no guarda-roupa deles. Entulhava tudo no quarto de empregada.”

4.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

A partir das entrevistas realizadas com trabalhadoras domésticas, constata-se que a prática de dormir no local de trabalho tem se tornado menos comum na sociedade atual. Esse fato pode ser atribuído à evolução da legislação trabalhista e à conscientização das trabalhadoras sobre seus direitos. Essa mudança também pode ser percebida nos novos projetos arquitetônicos, principalmente da classe média, onde o quarto de serviço tem perdido cada vez mais sua relevância.

As entrevistas revelam diferentes percepções em relação aos quartos de serviço. Algumas trabalhadoras, como Conceição e Gildete, relatam desconforto devido ao tamanho reduzido do espaço e à falta de condições mínimas de conforto, como uma área para descanso ou uma janela para a circulação de ar. Por outro lado, outras trabalhadoras, como Rosimar e Cremilda, sentem-se mais confortáveis em seus quartos de serviço e não veem a necessidade de mudanças significativas. No entanto, é comum haver uma sensação desconfortável em relação à atual condição desses cômodos como "quartos de despejo", destinados a armazenar o que cabe no restante da casa, uma vez que muitos deles se tornam depósitos de entulhos.

Em geral, as entrevistas indicam que as trabalhadoras domésticas precisam de um ambiente apropriado no local de trabalho para trocar de roupa ou tomar banho após o expediente. Embora o "quartinho" esteja se tornando obsoleto, o banheiro de serviço pode ser o único vestígio desse espaço. Portanto, é necessário reconhecer a importância dessas mulheres dentro de seus espaços de trabalho e atender às suas necessidades, considerando que o projeto desse cômodo ainda causa desconforto, sendo classificado como apertado, desconfortável, abafado, cheio de entulho, muito quente e pequeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história da casa brasileira, o "quartinho dos fundos" tem sido submetido a diversas transformações, assim como os direitos das trabalhadoras domésticas, que evoluíram gradualmente ao longo do tempo. Essas conquistas sociais são evidenciadas não apenas por meio de dados, mas também pela forma como são incorporadas aos projetos habitacionais atuais. No entanto, apesar de ser cada vez mais raro encontrar trabalhadoras que dormem na casa dos empregadores, ainda é comum nos projetos elaborados por grandes construtoras a presença de quartos de serviços, muitas vezes com nomenclaturas como "dependência" ou "vestiário", especialmente em residências de alto padrão e grande porte.

Com base nos questionamentos levantados nesta pesquisa através das entrevistas com trabalhadoras domésticas, foi possível analisar como essas profissionais utilizam e vivenciam o espaço doméstico atualmente. Os resultados apontam que não tem sido mais comum dormir no trabalho e que a relação dessas trabalhadoras com tais espaços se resume em guardar seus pertences e se trocar, sem criar vínculos maiores com o ambiente. Ademais, a pesquisa possibilitou a identificação de quem são essas trabalhadoras e como se sentem em relação ao "quarto de despejo", evidenciando que muitas delas são mulheres negras com um histórico de luta por seus direitos, em face das explorações que já enfrentaram anteriormente.

A atual realidade do "quarto de despejo" mostra uma transição que está acontecendo, onde a redução do tamanho dos apartamentos tem levado à diminuição do espaço destinado ao quarto de serviço em projetos arquitetônicos, principalmente em empreendimentos voltados para a classe média. Em decorrência disso, é cada vez mais comum a utilização de áreas multifuncionais nas residências, como salas que se transformam em quartos ou espaços de trabalho que se convertem em quartos de hóspedes. Tais mudanças refletem uma nova forma de organização familiar dentro dos espaços residenciais, evidenciando a necessidade de adaptação às novas realidades arquitetônicas e sociais.

Diante de toda essa pesquisa, é possível afirmar que a dependência doméstica pode ser vista como o "quarto de despejo das injustiças sociais", diante de todo o histórico e características desse cômodo, além das histórias de exploração que

existem dessas trabalhadoras. Ainda que tenham ocorridos mudanças e a situação hoje seja melhor do que já foi um dia, ainda existe uma grande carga de preconceito em relação a essas trabalhadoras e, conseqüentemente, em como esse cômodo surge nos espaços.

A partir das informações apresentadas nesse trabalho, entende-se então que existe um espaço de “exclusão”, mas que aos poucos está sendo erradicado dos projetos arquitetônicos atuais. É necessário ter consciência de que todo esse processo de transição é resultado de uma intensa luta por direitos, desde a antiga luta contra a escravidão até a recente luta por direitos trabalhistas das empregadas domésticas, ainda que existam desigualdades evidentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENINCASA, Vladimir. Fazendas Paulistas: Arquitetura Rural do Ciclo do Café. São Paulo: EdUSP, 2007.

BRAGA, Pablo de Rezende Saturnino; MILANI, Carlos Roberto Sanchez. Direitos humanos e política externa no Brasil e na África do Sul: o mito da democracia racial, o apartheid e as narrativas da redemocratização. Revista Brasileira de Ciência Política, p. 7-44, 2019.

BRANDÃO, Luísa Sopas Rocha. As trabalhadoras domésticas no processo de urbanização: O Quarto De Empregadas Como Expressão Das Idiosincrasias Das Cidades Brasileiras. PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 3, n. 9, 2019.

BUENO, Eduardo. Brasil, uma história. Leya, 2018.

COSTA, Emília Viotti da. Da senzala à colônia. 3ª ed. São Paulo, Editora UNESP, 1998, p. 353-354, 357-358.

COSTA, Lourival. et al. "Apertamento": Uma análise das dimensões mínimas em apartamentos. XXIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Ouro Preto, 2003.

FRANCISCO, Daniele Monteiro; DE SOUZA, Jayne Lino Ferreira; PELEGRIN, Mari Ângela. O TRABALHO DOMÉSTICO E SUA REGULAMENTAÇÃO. 2015

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. TD 2528 - Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35231&Itemid=444>. Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Cozinhas etc.: Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. 2.ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 1978.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Transformações do espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. An. mus. paul., São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-106, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141993000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2021.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Sendo Cativo nas Ruas: a Escravidão Urbana na Cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). História da Cidade de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 59-99.

MARQUESE, Rafael de Bivar. "Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX." In: RODRIGUES, Jaime; FERLINI, Vera Lúcia Amaral (orgs.). Escritos sobre a história da casa. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.14. n.1. p. 11-57. jan.- jun. 2005.

MORAIS, Fernando de Oliveira. O Quartinho: a dependência doméstica na habitação multifamiliar na cidade de João Pessoa (PB) no Século XXI. 2017. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

MUNIZ, Lorena. Eu Empregada Doméstica: uma análise da relação colonial entre patrões e empregadas domésticas brasileiras a partir de relatos compartilhados no Facebook. Dignidade Re-Vista, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 9, dec. 2016. ISSN 2525-698X. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/223>>. Acesso em: 01 de janeiro de 2021.

NOVAIS, Fernando A. et al. (Ed.). História da vida privada no Brasil-Vol. 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa. Editora Companhia das Letras, 2018.

RAMOS, Fernando Guillermo Vazquez. As cidades como as casas. Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2015.

RARA, Preta. Eu, Empregada Doméstica: A senzala moderna é o quartinho de empregada. 1.ed. Editora Letramento, 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da Arquitetura no Brasil. 12ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RENA, Alemar. A cartografia e a pesquisa literária: do gabinete às comunidades e às ruas. Scripta, v. 22, n. 44, p. 21-30, 15 jun. 2018.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro?. Editora Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. Revista internacional de direitos humanos, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

SANTOS, Ynaê Lopes. Além da senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo, 2006.

SILVA, Dayane. Trabalho Doméstico no Brasil: Os avanços trazidos pela Lei Complementar 150/15. Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://dayanerose.jusbrasil.com.br/artigos/206890453/trabalho-domestico-no-brasil-os-avancos-trazidos-pela-lei-complementar-150-15>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2021.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. Fractal: Revista de Psicologia, v.

25, n. 2, p. 299-322, 29 ago. 2013.

TIEGHI, Ana Luiza; GAVRAS, Douglas. Quarto de serviço resiste nos imóveis de luxo, mas tem dias contados. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 mar. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/quarto-de-servico-resiste-nos-imoveis-de-luxo-mas-tem-dias-contados.shtml>>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

VIANA, Maíra Boratto Xavier; TREVISAN, Ricardo. O "quartinho de empregada" e seu lugar na morada brasileira. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 17., 2016, Porto Alegre. Anais eletrônicos [...]. Porto Alegre: ANPARQ, 2016. p. 1-12.

APÊNDICE

Entrevista 01 – Conceição, 47 anos, natural de Jaguaquara/BA, entrevista realizada em 16 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Conceição: Eu já dormi há muito tempo atrás. Eu dormia no trabalho, mas hoje não durmo mais não. Eu sou diarista, né? Algumas casas eu vou para limpar, outras vou para passar ferro nas roupas.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Conceição: Não durmo por causa de família. Eu tenho minha casa própria, tenho meu filho, aí impediu de dormir no trabalho.

Nathália: Conte-me mais como foi essa experiência.

Conceição: Eu moro aqui em Salvador há 30 anos, eu vim trabalhar como empregada doméstica. Passei 9 anos morando direto em uma casa. Eu dormia no trabalho, mas era ruim porque a gente se sente um peixe fora d'água. Porque a gente perde tudo, né? Perde a privacidade, principalmente. A gente se sente presa... Se sente presa ao trabalho. Nem todos os patrões deixa a gente sair. A gente que dorme em trabalho, a gente tem que ter horário para acordar e para dormir. Não tem horário para acordar e nem para dormir, entendeu? Porque se os patrões chamarem a gente, pode ser nove, dez ou onze horas da noite, se estiver precisando da gente, a gente tem que acordar e tem que, como é que diz? Fazer o que eles querem. Não existe limite! Até hoje as pessoas que dormem no trabalho é assim. Não tem horário nem de dormir e nem de acordar.

Nathália: Como era esse quarto que você passou 9 anos da sua vida dormindo?

Conceição: Tinha um banheiro separado do quarto. Uma beliche, um guarda-roupa, televisão. Era até grande diferente do que costuma ser. Tinha uma janela virada para área de serviço. Era bem arejado, disso eu não tinha o que reclamar. Eu só saí de lá porque arranjei um namorado, engravidei e aí tive que sair.

Nathália: Como você descreveria o quarto que costuma ser destinado a funcionária na casa?

Conceição: É um quartinho pequeno, com banheiro, uma cama de solteiro, um guarda-roupa pequeno embutido na parede.

Nathália: Como você costuma utilizar desse ambiente?

Conceição: Eu não costumo usar o quarto, eu geralmente uso o banheiro. O quarto é mais para quando vou trocar de roupa só. No meu caso, hoje que eu trabalho de diarista, aí eu tenho que entrar no quarto para me vestir e começar a trabalhar, ou quando vou embora.

Nathália: Você acha que esse quarto é confortável?

Conceição: Não. Não é confortável. É apertado, pequeno, não tem ventilação. Acho ventilação o principal, né? Porque a gente precisa de tomar um ar e não tem. A maioria dos quartos de empregada que eu já tive contato, a gente não se sente à vontade.

Nathália: Se você pudesse mudar esse quarto, você mudaria? O que faria de diferente?

Conceição: Colocaria um ventilador ou um ar condicionado, porque a gente que é empregada merece, né? Tem muitos lugares que não tem nem janela e nem ventilador. Imagina isso em uma cidade como Salvador? Quente... Em alguns lugares eu passo roupa dentro do quarto e é calor demais. Não dá para aguentar.

Nathália: Agora para finalizar, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Conceição: Em algumas casas eu me sinto excluída de alguns espaços. Tem quarto, tem guarda-roupa, um closet, que a gente não pode mexer, não pode entrar. Tem gente que fecha com medo pensando que a gente vai olhar alguma coisa ou roubar alguma coisa. Pensa que somos ladronas, porque tem muito desrespeito ainda sobre isso. Mas a gente não se sente à vontade, né? Se sente constrangida com isso. A casa que eu faço faxina na segunda-feira, a mulher não dá nem café da manhã e nem almoço. Nada. A gente tem que levar as refeições, senão a gente passa o dia com fome, só vai comer quando chegar em casa tarde. Ela sai para almoçar na casa da mãe que é perto, mas não tem coragem de dizer “Poxa, vou levar um pouquinho de comida para Conceição que está lá trabalhando, se acabando”.

Entrevista 02 – Nilda, 44 anos, natural de Laje/BA, entrevista realizada em 16 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Nilda: Sim, uma vez já dormi. Agora trabalho de segunda a sexta em uma casa, mas não durmo.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Nilda: Se fosse para dormir no trabalho, eu não dormiria mais por causa da família, mas eu também nunca me senti confortável para dormir. O quarto que eu dormia mesmo era muito pequeno. Muito abafado. O quarto não tinha janela, era bem comprido e estreito. Bem pequenininho mesmo. Não tinha ventilador, né? Porque nessa época não queriam botar ventilador. Era um calor insuportável. Achava extremamente desagradável.

Nathália: Como você descreve o quarto destinado a funcionária na casa?

Nilda: O quarto da casa que eu trabalho hoje em dia tem uma janela minúscula, é pequeno, é como se fosse uma despensa. Na verdade, não é como se fosse não, na minha opinião esse quarto é uma despensa! Cabe uma pessoa para dormir e tem até a cama, mas a gente coloca roupa, às vezes ração do cachorro, boné, capacete, cesto de roupa... as roupas que a gente tira no varal põe todas lá. É um depósito de coisa.

Nathália: E como você costuma utilizar desse quarto?

Nilda: Eu só uso para guardar minhas coisas. Boto minha bolsa, minha sandália, minha toalha, meu sabonete... essas coisas.

Nathália: Você acha que esse quarto é confortável?

Nilda: Nem um pouco. São tudo pequeno e fazem muito calor.

Nathália: Se você pudesse mudar esse quarto, você mudaria? O que faria de diferente?

Nilda: Eu queria que esses quartos fossem mais espaçosos, não tão espaçosos, mas com um pouco de espaço para a gente caminhar, respirar e que tivesse uma janela. O que eu falo muito é isso: tem que ter uma janelinha para a gente poder respirar. Acho importante um ventilador também... Imagina aí, um quarto sem ventilador e sem janela, no tamanho de uma despensa... É isso que me deixa indignada! Um quarto ser do tamanho de uma despensa, gente! O quarto é muito pequeno, se eu andar para aqui, eu bato em alguma coisa, bato até na parede. Outra coisa é que eu preferia que o quarto fosse na parte da casa. Seria bem melhor. Por que não na parte da casa? Por que no fundo? Por que na área de serviço? E por que tão pequeno? Por que não tem janela? Né? Deveria ter janela, né?

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Nilda: No meu trabalho atual eu me sinto bem porque tenho minha carteira assinada e meus direitos todos certinhos. Minha patroa me respeita e não me limita. Mas no dia que cheguei lá no meu trabalho em São Cristóvão, a minha outra patroa separou tudo que era do meu uso. Esse copo aqui é seu, esse prato aqui é seu, esse talher aqui é seu. Ela disse “você não vai mexer em nada dos pratos que a gente come e você só vai almoçar depois que a gente almoçar, tudo seu será separado”. Eu disse “ok”, mas

no fundo fiquei desconfortável, é muito constrangimento para a gente que é trabalhadora. Acho isso ruim. Agora onde trabalho não tem isso não... Eu como na mesa com todo mundo, uso os mesmos talheres, mesmo copo, mesmo prato. Não tem isso. Não existe uma limitação.

Entrevista 03 – Rosimar, 50 anos, natural de Itabuna/BA, entrevista realizada em 16 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Rosimar: Não, eu nunca dormi no trabalho. Na realidade porque nunca precisou. Eu trabalho no mesmo lugar há muito tempo e minha função é só a limpeza, o almoço e a roupa. Então nunca teve a necessidade de dormir, porque eu moro bem pertinho da casa dela. Aí nunca precisou eu dormir aqui, porque eu faço meus afazeres durante o dia e no final da tarde, como sempre, eu volto para casa.

Nathália: Você chegou a trabalhar em outros lugares?

Rosimar: Em poucas residências, eu não trabalhei em muitos lugares. Foram em pouquíssimas. Minha atual patroa se afastou da cidade por um tempo com a família e eu trabalhei na casa de um casal, mas foi por dois anos e três meses, depois voltei aqui para a casa dela. E tipo assim, fiz faxina em algumas casas, 1 ou 2 meses, mas nada com carteira assinada. Nada muito sério... Só aqui e nessa outra casa que trabalhei por dois anos e três meses.

Nathália: Como é o espaço destinado a funcionária nas casas que você esteve?

Rosimar: Então, o quarto de empregada sempre foi organizado preparado para mim. Tinha o lugar onde eu botava minhas coisas, sabe? Minha bolsa. Mas tudo organizadinho e arrumadinho. Sempre muito confortável. No caso tinha a cama, a toalha de banho, sabonete, tudo muito bem organizadinho. O quarto de empregada da atual casa que eu trabalho não tem cama, só armários. Em realidade, o quarto sempre assumiu a característica de despensa.

Nathália: Você mudaria algo em relação ao quarto de empregada?

Rosimar: Eu não mudaria nada no quarto porque nunca cheguei a dormir. Só usava o espaço para trocar de roupa e guardar minhas coisas. Então não mudaria nada, porque sempre foi organizado e arrumado.

Nathália: Como você utiliza desse ambiente?

Rosimar: Minha patroa fez o quarto de empregada de despensa, aí tem um armário que ela guarda algumas coisas e ela deixou um cantinho para eu guardar as minhas

roupas, as minhas coisas pessoais. Mas tem o banheiro de serviço também que eu uso para guardar meu material de higiene.

Nathália: O que você pode falar sobre sua experiência como trabalhadora doméstica?

Rosimar: Eu nunca fui aquela empregada doméstica que fez curso, que viajou... Sempre fiquei aqui pela cidade e a casa que mais me adaptei foi essa que trabalho até hoje. Não estudei e nem me preparei para um emprego melhor, não que seja pior ser empregada doméstica, mas assim, seria bom se eu tivesse estudado para eu poder conseguir um trabalho mais fácil, um trabalho melhor para mim, apesar de tudo eu gosto de trabalhar, porque foi a profissão que eu me identifiquei esses anos todos. Estou com 50 anos e vou me aposentar nessa profissão.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho? Você sente falta de ter um quarto?

Rosimar: Eu me sinto bem. Eu não sinto falta de ter um espaço para mim na casa, porque o dia a dia é tão corrido que às vezes não dá tempo nem para a gente descansar. Então assim, eu chego de manhã e já faço as coisas aqui dentro, o tempo passa, aí a gente almoça e não preciso desse espaço para descansar ou dormir, porque realmente não existe necessidade. Mas esse é o meu caso.

Entrevista 04 – Cremilda, 48 anos, natural de Jacobina/BA, entrevista realizada em 17 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Cremilda: Já dormi sim. Eu dormi algumas vezes que precisou. Mas não durmo no serviço. Eu comecei a trabalhar como doméstica há 4 anos, trabalhei em dois lugares diferentes só.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Cremilda: Eu não durmo mais porque sou casada e retorno para casa, mas se precisar eu durmo sim, porque já dormi aqui no meu atual trabalho, dormi no meu antigo serviço e precisando de mim eu durmo sem nenhum problema.

Nathália: Como é o espaço destinado a funcionária na casa que você trabalha?

Cremilda: Meu quarto é confortável, tem uma televisão, tem minha cama, tem meu guarda-roupa, tem minha cômoda, eu me sinto muito bem. É um quarto confortável, é lindo e maravilhoso. Tem até ar condicionado, só que eu não uso o ar, porque gosto do ventilador, mas meu quarto onde trabalho é muito confortável mesmo.

Nathália: Como você utiliza desse ambiente?

Cremilda: O quarto é para eu guardar minhas coisas. Eu chego e me troco, tenho meu banheiro, tiro minha hora de descanso e o quarto é assim meu. Eu me sinto no meu quarto mesmo. Porque ele só é para mim mesmo.

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Cremilda: Meu quarto é arejado, meu quarto é ventilado, eu não mudaria em nada. Tenho uma vista bonita do quintal. É maravilhoso.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Cremilda: Eu amo meu ambiente de trabalho, amo meus patrões, amo as crianças que eu cuido, tenho carinho por eles e eles por mim, então no meu serviço eu me sinto em casa, eu me sinto bem. Gosto da forma dos meus patrões de me tratar com muito carinho e respeito. Eu me sinto em casa no meu serviço. Eu não tenho nada a reclamar, só agradecer a Deus por essa família maravilhosa que Deus conseguiu para mim.

Entrevista 05 – Gildete, 56 anos, natural de Jauá/BA, entrevista realizada em 17 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Gildete: Logo que vim para Salvador eu dormia. Eu deixei de dormir depois que casei, aí não podia mais dormir no trabalho. Eu trabalho como doméstica desde os meus 18 anos... Comecei a trabalhar cedo porque minha mãe era lava roupa de ganho, aí eu saí de Jauá e fui trabalhar em Salvador. Trabalhei em umas três casas... Nessa última casa que eu trabalhei e fiquei 13 anos com uma senhora, eu dormia. Eu só ia para casa no final de semana. Como eu era solteira, aí eu dormia no trabalho. Como eu tinha filha, eu não podia mais dormir mesmo. Aí fiquei um tempão desempregada, mas depois arranjei um trabalho e estou até hoje trabalhando.

Nathália: Conte-me mais como foi essa experiência.

Gildete: A experiência era boa, porque só tinha eu e ela. Não tinha mais ninguém. Eu era assim uma espécie de filha para ela, porque ela me tratava muito bem e me tinha como filha. Eu estudava, eu saía para as minhas festas, eu tinha liberdade com ela. Eu praticamente tinha tudo. Ela era minha segunda mãe. Ela não era nem uma patroa, ela era uma mãe para mim. Então, para mim era bom. Eu tinha liberdade, eu saía para onde eu quisesse... Claro que eu fazia as minhas obrigações de casa, eu tinha salário... Naquela época minha carteira não era assinada, ela veio assinar depois com o tempo. Mas eu tinha liberdade lá.

Nathália: Como é o espaço destinado a funcionária na casa que você trabalha?

Gildete: O quarto não tem janela para arejar, ele tem uma janelinha, mas tem um armário na frente. É um quarto com um monte de panelas. Eu tenho um lugarzinho onde boto minha bolsa, boto minha farda... Tem uma televisão pequena que eu nem assisto muito, porque eu não tenho tempo. Não é um quarto confortável, ele é um quarto cheio de bagulho. É um quarto abafado. Não tem conforto. Eu trabalhei em uma casa que eu tinha meu quarto livre e a única casa que eu tinha de tudo foi essa que passei 13 anos. Lá eu tinha todo o conforto... É tanto que quando eu casei eu até senti falta. Eu praticamente lá não era nem uma empregada doméstica, entendeu? E nas outras casas era diferente, eu me sentia mais desconfortável e deslocada.

Nathália: Como você utiliza desse ambiente?

Gildete: Onde eu trabalho agora eu não uso o quarto de empregada, porque eu não durmo aqui, eu durmo na minha casa, né? Então o quarto aqui é mais para guardar as coisas da casa, mas não dá nem para dizer que tenho conforto, porque não tenho não. Aqui não tem uma cama, aqui quando dá o meu horário, às 16:30 por aí, eu vou para a minha casa.

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Gildete: Não sei se mudaria. Para falar a verdade, eu não sinto falta de ter um quarto para mim não, porque eu tenho minha casa. Única coisa que eu queria talvez é um lugarzinho para descansar quando terminar o almoço, porque é direito meu. Está na lei. Mas aqui não tem esse espaço não, então eu descanso na minha casa. Quando termino minhas coisas eu vou para casa e quando chego em casa eu descanso. Nas outras casas que eu trabalhei eu tinha conforto, essa mesmo que falei para você que trabalhei 13 anos, eu só saí porque ela faleceu, eu casei. É tanto que quando saí de lá, uma amiga dela sentiu muito, mas aqui eu não tenho conforto nenhum. O quarto daqui não dá nem para a gente descansar, dormir, porque é cheio de bagulho, cheio de coisa, então não tem como. É um quartinho pequeno, tem armário, tem panela, tem uma televisão, que a gente nem liga porque não tem tempo. Até mesmo quando eu termino de tomar banho e quero me trocar, acho o espaço desconfortável. Tudo apertado... não gosto. Muita bobagem dentro dele. É, acho que talvez isso. Se o quarto fosse maior seria melhor.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Gildete: Tiveram muitas casas que eu trabalhei que eu me senti livre para fazer o que eu queria, mas no atual trabalho que estou eu não me sinto à vontade. Já tiveram algumas desconfianças, então para mim isso é uma sensação ruim. Você fica cheia de dedos, aí eu não me sinto bem, mas eu tenho que trabalhar, porque um dia eu tenho que me aposentar. Aí eu fico rezando para que chegue minha aposentadoria para eu não ter que trabalhar em casa de família, não quero mais trabalhar na casa de ninguém quando eu me aposentar. Tenho fé em Deus que esse dia ainda vai chegar. Tem coisas que eu pego aqui e contam, entendeu? Contam as coisas...

Vamos supor, perguntam quantas frutas tem...aí o queijo, cortam de um jeito que eu mesma me ligo que é um teste. Quando eu vim trabalhar aqui eu fui testada. Nas outras casas eu nunca fui, mas aqui aconteceu isso. Nas outras casas eu era livre, podia comer o que queria, o que eu pudesse, mas aqui não me sinto assim. Quando eu quero comer alguma coisa, eu peço. Ou eu peço, ou eu deixo lá e deixo para comer só em casa, porque na minha casa eu posso fazer tudo. Quando você é testada, você entende. Eu tenho mania de carregar shampoo, sabonete, porque gosto muito de andar limpa. Eu chego e tomo meu banho, lavo a minha roupa. Aí outro dia minha patroa ficou olhando para a minha bolsa e aí me deu vontade de perguntar “quer que eu abra a bolsa para ver?”. Eu não me sinto à vontade. Só quero me aposentar e ir embora. Muito ruim sentir que existe essa desconfiança, como se eu quisesse pegar algo delas. E eu tenho 10 anos aqui, viu? Já deixei bem claro que sou de confiança, que tenho referências, mas fica chato... você trabalha na casa e tem isso. Uma vez mesmo, a filha da minha patroa desconfiou de mim porque ela mandou uma roupa para a minha filha e foi uma blusa junto, aí nesse dia ela ficou achando que eu tinha pegado e eu não fiz isso porque não sou maluca. Já trabalhei em tantas casas, mas aqui foi a única que teve esse tipo de desconfiança comigo.

Entrevista 06 – Edinalva, 59 anos, natural de Laje/BA, entrevista realizada em 17 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Edinalva: Já fiz muito. Quando eu vim logo do interior e eu não tinha onde ficar, eu dormia no trabalho. E quando você dorme no trabalho, meu amor, a gente trabalha mais, porque a gente tem que botar a janta, tem que botar o almoço, que é até o de menos..., mas bota janta, acorda cedo para fazer mingau do bebê, porque eu faxinava e ainda era babá... Hoje em dia só durmo quando um casal que eu já conheço há um tempo pede para eu ficar com os filhos deles, porque sabe que sou de confiança. Só que eu durmo apenas nessa situação.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Edinalva: Exploração. Eu trabalhei muito em casa de família, já fui muito babá, já morei em casa de família, eu dormia no trabalho. Já trabalhei muito mesmo. Às vezes eu ficava triste por achar que a gente deveria ter mais valor. Tipo, eu já tive uma patroa que me botou para fora só porque eu não quis trabalhar no Natal. Ela me botou para fora como se eu fosse um cachorro. Eu tinha um rádio que ela havia me dado e ela tomou, acabei ficando muito triste com essas coisas porque eu trabalhava muito, eu me dedicava como eu sempre me dedico. Às vezes eu estava tão cansada que saia escorregando pelas paredes de tanto cansaço. Eu dava almoço, eu dava o lanche da escola das crianças, dava janta, mas eu não era reconhecida por isso, né? Então essas coisas deixam a gente muito triste. Eu sou uma pessoa muito trabalhadeira e trabalho com tudo. Trabalho com faxina, não tenho bobagem. Imagina você ter um quatinho minúsculo para você botar sua roupa, um banheirinho de qualquer jeito em

casa de família. Casa de família não é fácil. Eu comecei a batalhar pequena e já passei por muita coisa.

Nathália: Como era o lugar que você costumava dormir?

Edinalva: O lugar que eles acham que a empregada tem que ficar é um lugar separado, é um quartinho, um banheirinho para você tomar um banho, uma bancadinha para você colocar as coisas e acabou. Mas o que a gente pode fazer? Hoje em dia as empregadas domésticas são um pouco mais valorizadas do que já foram, mudou um pouco isso. Só que o quarto de empregada não deixa de existir, sempre tem. Eu já trabalhei em um lugar que não tinha esse quarto e eu dividia o mesmo banheiro que minha patroa, era o mesmo espaço. Eu sou um pouco acanhada, não gosto muito de misturar as coisas. Não sei se era o ritmo que a gente levava de ter as coisas separadas, mas eu não gosto. Eu carrego minhas coisas quando vou embora, não pego qualquer copo para beber água. Eu prefiro evitar... Se tiver que pegar algo, eu peço para a pessoa e é assim. Eu me incomodo um pouco quando a pessoa fala “ah, esse aqui é o quarto da empregada”. Eu preferia que falassem só “esse é seu quarto” ou “aqui é o quarto que você vai ficar”. Eu acho que deveria ser dito assim. Outra coisa que não gosto é de ter que comer por último. Eu já trabalhei em uma casa que a mulher botava eu e os outros funcionários para comer a carcaça da galinha no almoço, e a gente tinha que comer, né? Fazer o quê? É o jeito que acham que devem nos tratar e eu não sei o porquê. Empregada deveria ser bem tratada, porque é a gente que cuida da casa, cuida do banheiro, cuida das roupas, cuida da comida, mantém a casa limpa e eu acho que você sabe que é bem complicado, é bem trabalhoso. É um trabalho duro! Eu não sou uma pessoa ruim, eu não gosto de negar nada a ninguém, eu sou dessas que se me pedir para fazer uma sopa, eu vou fazer! Eu fazia dois apartamentos por dia e você sabe que dois apartamentos por dia é barril! É só para quem tem jogo de cintura!

Nathália: Como você costuma utilizar desse quartinho?

Edinalva: Tem casas que eu trabalho que não tem ou é um quarto cheio de entulho. Eu prefiro que tenha o cantinho para eu ficar, um banheiro para eu usar. Às vezes, se a pessoa fala “você pode tomar banho no meu banheiro”, eu prefiro trocar de roupa e tomar meu banho em casa. Não me sinto à vontade. Uma vez eu fui fazer a diária para uma moça, ela super legal disse para mim “Edi, o banheirinho está quebrado, mas você pode usar o meu”, mas eu fiquei com medo e vergonha de ir no banheiro dela. Eu fiquei me apertando por um tempão, mas como eu tinha que ir mesmo, acabei indo e não teve problema algum. Tem gente que não tem maldade não, mas tem outras pessoas que só pela misericórdia. Então a gente se sente até melhor com a situação de ter um espaço para a gente. Mas você já se imaginou chegar no seu espaço de trabalho e te darem um copo, um prato e talheres para não ter que usar os deles?

Nathália: Se você pudesse mudar esse quarto, você mudaria? O que faria de diferente?

Edinalva: Um quarto com conforto, com uma televisão, um vasilho bonitinho. Não importa que seja um quarto para empregada, que seja um quarto arrumadinho. Não

só uma cama jogada. Tem quarto de empregada que dá desgosto, nem todos têm preocupação. É bom a gente ter o nosso cantinho e que ele seja confortável. A gente se sentiria mais abraçada se fosse desse jeito.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Edinalva: Estive em uma casa de um rapaz que tinha me dito “Edi, você quer fazer umas diárias lá em casa”, eu estava de férias e aceitei ir ganhar esse dinheiro. Mas eu fiquei muito triste com algo que aconteceu. A filha dele gostava de conversar comigo, ela recebia um monte de coisas dos Estados Unidos e ficava me mostrando. Aí teve um dia que a mãe dela chamou ela quando viu que a gente estava conversando e depois eu perguntei se a mãe ficava chamando ela para ela não ter que conversar comigo e era isso mesmo. Essa mulher não me chamava nem para almoçar. Eu levava meu pão, meus lanches, meu almoço. Eu comia aquilo que eu levava, mas já estou acostumada, então não tenho problema nenhum com isso porque a gente não pode esperar que os outros queiram dar. Se eu sentir fome, eu como minha comida. Sei que depois desse dia, eu não voltei mais nessa casa. A gente é gente como qualquer outra pessoa. A patroa depende do empregado e o empregado depende da patroa. Eu ficaria muito feliz se a realidade das empregadas domésticas mudasse.

Entrevista 07 – Rita, 42 anos, natural de Salvador/BA, entrevista realizada em 21 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Rita: Só uma vez que eu trabalhei para dormir na casa de um pessoal e o tempo que eu dormia na casa deles eu tinha um quarto na área de serviço mesmo. O quarto era um pouco pequeno, mas tinha uma cama, um guarda-roupa, era tudo bonitinho no quarto. Eu trabalho há muito tempo como doméstica, comecei a trabalhar logo quando eu casei e não tinha carteira assinada, mas agora eu tenho.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Rita: Eu não durmo mais no trabalho porque meu filho nasceu, só dormi por um período que foi o tempo que engravidei.

Nathália: Como você descreveria o quarto que costuma ser destinado a funcionária na casa?

Rita: Os quartos costumam ser pequenos. Quando eu dormia eu me incomodava com isso, mas agora sinceramente não me incomodo.

Nathália: Como você costuma utilizar desse ambiente?

Rita: Uso apenas quando chego e vou embora do trabalho. É onde coloco o que é meu, onde me troco. Mas eu já vi que muita casa nem tem mais esse quarto.

Nathália: Você acha que esse quarto costuma ser confortável?

Rita: Não, mas como eu não durmo mais, não é algo que me incomoda.

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Rita: Eu aumentaria o tamanho. Para quem dorme é ruim. Não é meu caso. Mas existe muita moça que trabalha dessa forma ainda.

Nathália: Agora para finalizar, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Rita: Eu me sinto muito bem na casa que trabalho, porque me tratam muito bem. Eu não me sinto incomodada em nada, sinceramente. Porque praticamente me dão a liberdade para ficar à vontade, me dão espaço, não ficam com receio de pegar alguma coisa na cozinha. A única coisa que me incomoda, que eu não vou mentir para você, é que se eu boto a mesa e depois tiro e chega alguém, eu tenho que levantar e colocar a mesa de novo. Mas assim, eu não acho certo o jeito de tratar que algumas pessoas têm com as empregadas, eu não concordo.

Entrevista 08 – Jisa, 43 anos, natural de Salvador/BA, entrevista realizada em 21 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Jisa: Já dormi no trabalho. Era dia sim e dia não, porque tinha outra pessoa que ia ao mesmo trabalho e também trabalhei em uma casa com idosos que já faleceram, Deus levou, mas eu passei 18 anos lá. Depois achei um trabalho no Bonfim, mas o trabalho não deu certo e agora eu não durmo. Eu gosto de trabalhar como doméstica, porque quando a gente acha uma família, uma casa legal com pessoas que tratam a gente bem, é ótimo.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Jisa: Eu saí desse último que eu dormia porque a mulher era muito assim, maltrata, entendeu? Ela maltratava eu e a outra menina. Xingava a gente, falava com a gente na ignorância, então eu e a meninas saímos juntas. Então quando encontramos um lugar em que nos tratam bem, a gente fica. Tem que aproveitar essas oportunidades. Por isso que eu saí, não quero mais trabalho assim para dormir.

Nathália: Como você descreveria o quarto que costuma ser destinado a funcionária na casa?

Jisa: Os quartos que eu trabalho são uns quartos confortáveis, mas o que eu dormia no Bonfim eu não dormia no quarto não, porque a minha patroa não queria. Ela mandava eu botar um lençol grosso no chão em frente a porta do quarto dela para eu ficar olhando ela a noite toda. Ela não deixava eu dormir no quartinho não, ela botava a gente para dormir no chão.

Nathália: Como você costuma utilizar desse ambiente?

Jisa: Aqui onde eu trabalho agora eu só uso o armário do quartinho para guardar as minhas coisas. Não uso mais para nada.

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Jisa: No momento, eu não mudaria nada no quarto de onde trabalho. Naqueles antigos que eu já dormi sim. Eram pequenos, desconfortáveis.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Jisa: Daqui eu não tenho nada para falar, é uma casa que todo mundo me trata bem. Graças a Deus tudo bem. O que a gente quer em casa de família é apenas um bom tratamento. Se trata a gente bem, ótimo.

Entrevista 09 – Cristiane, 36 anos, natural de Itabuna/BA, entrevista realizada em 21 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Cristiane: Eu trabalho há 6 anos como empregada doméstica. Dois anos foi em um trabalho fixo tomando conta de uma senhora, mas eu não costumo dormir em trabalho, porque o que me impede de dormir é que sou casada e o meu marido não deixa eu dormir fora. Eu trabalho como diarista de segunda a sexta há muitos anos já. Eu tenho três cursos de costureira, sei fazer roupa, tenho os certificados, mas por não conseguir trabalhar na área eu comecei a fazer faxina.

Nathália: Como você descreveria o quarto que costuma ser destinado a funcionária na casa?

Cristiane: O quarto para a gente é horrível. O banheiro todo feio, tem um lugar que nem chuveiro tem para mim e eu tenho que tomar de balde. O quarto só é para eu trocar de roupa e deixar minha bolsa. Alguns lugares eu não posso nem misturar minhas coisas com as deles. Tenho que deixar separado. Já teve casas que eu

trabalhei de até fiscalizarem minha bolsa com medo de estar carregando alguma coisa. Eu faço a parte da limpeza, limpo tudo, mas em alguns lugares eu não posso usar o banheiro deles, não posso comer na mesa, tem casas que eu não posso tomar banho, porque não tem o banheiro separado para mim. Nas casas que têm esse banheiro na área de serviço, eu tomo banho. Já botaram algumas regras dizendo que a única área que eu podia frequentar na casa era a cozinha, no caso para comer, para merendar. E tem casas que eu vou que nem na cozinha eu posso ir, que inclusive nem me oferecem nada. Tem uma casa que eu vou que o banheiro é no térreo, a casa embaixo tem dois banheiros, mas eu não posso frequentar, só posso limpar, fazer a faxina e o banheiro que eu vou é no térreo, mas fora de dentro de casa, só que eu não posso tomar banho. Como eu sou diarista, cada dia eu estou em uma casa, então tem casas que nem água me oferecem para beber. Um dos motivos de preferir ser diarista é que se algo me incomodar eu posso ir embora e não voltar mais.

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Cristiane: Eu não gosto de dividir espaço com um monte de bagunça. Eu sinto que isso é uma ofensa para a gente. Acho que a gente merece um banheiro, condições mínimas de conforto. Não é porque é empregada que merece estar em um ambiente feio.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Cristiane: Eu às vezes odeio ser faxineira, porque eu me sinto como se eu fosse um lixo. Como se o meu trabalho não tivesse valor nenhum por ser faxineira, eu me sinto menosprezada, porque não oferecem nem um pouco de estabilidade, de conforto, banheiro sem energia, banheiro sem descarga, tem que estar dando descarga com balde de água. Lugares que não dão nem sabonete. Não tem nem um lugar para a gente sentar e descansar um pouco, uns 10 minutos... Não tem nada. Algumas casas eu me sinto como um lixo mesmo, uma pessoa sem importância, só porque é uma empregada doméstica. É muito desconfortante, muito chato, eu já cheguei até chorar por me sentir assim menosprezada. Se tem uma coisa que eu oro sempre e peço muito a Deus é que minha filha nunca tenha que trabalhar de empregada doméstica porque é muito triste. Não é em todas as casas, existem lugares que as pessoas são muito humildes, tem aquele respeito, me convida para sentar na mesa e eu como da mesma coisa que eles comem, mas tem casas que eu já passei que foi realmente humilhante.

Entrevista 10 – Criciane, 27 anos, natural de Itabuna/BA, realizada em 21 de março de 2022.

Nathália: Você costuma dormir no trabalho ou fez isso em algum momento da sua vida profissional?

Criciane: Eu trabalho em casa de família desde os meus 13 anos e aí comecei dormindo porque eu precisava dormir no trabalho. Tiveram casas que a experiência foi maravilhosa, porque aprendi muita coisa, por ser jovem também. Fui muito bem

tratada em algumas casas e em outras, não vou dizer que fui mal tratada, mas mocinha dormindo em casa de família, então o que acontecia é que meus patrões tentavam me assediar. Tiveram três casas que eles tentaram me assediar. Teve um deles que até tentou me abusar, então hoje eu não faria isso de novo.

Nathália: Quais são os motivos para você não dormir mais?

Criciane: Hoje eu não durmo mais porque eu tenho duas filhas e não tenho com quem deixar, e também não acho que recompensa a gente dormir hoje em casa de família para receber o mesmo salário, porque quem dorme no trabalho, a gente trabalha o dobro.

Nathália: Como você descreve o quarto destinado a funcionária na casa?

Criciane: Teve casa que eu trabalhei que eu ficava no quarto de hóspede mesmo, mas as outras, a maioria tinha um quartinho que era na área de serviço onde elas guardavam os entulhos delas, as coisas que elas não queriam no resto da casa jogavam no quarto. Então ficavam as coisas e uma caminha para eu dormir. Como eu deitava só para dormir, eu não me incomodava, porque tinha banheiro, tinha tudo, então nunca teve problema, mas isso eu digo para mim. De qualquer forma, todos os espaços eram pequenos, tirando quando era o quarto de hóspede.

Nathália: Como você costuma utilizar desse ambiente hoje em dia?

Criciane: Hoje em dia eu uso apenas para guardar o que é meu... Mas não é por isso que eu ache que não deva ter um quarto confortável para a gente, sabe?

Nathália: Você mudaria algo em relação a esse cômodo?

Criciane: Se eu pudesse mudar algo, eu tiraria esses entulhos, tiraria tudo que é dos patrões, deixava só a caminha para a gente, o guarda-roupa e uma cômoda, porque nas casas que eu trabalhei não ficava só as coisas da gente. Era só uma cama ou um colchãozinho, e aí tinha malas, as coisas que não guardavam no guarda-roupa deles. Entulhava tudo no quarto de empregada.

Nathália: Finalizando, como você se sente no seu espaço de trabalho?

Criciane: Eu sinto julgamento. O que não me deixa confortável é assédio e as pessoas olharem para a gente com um olhar de preconceito, como se a gente fosse inferior. Porque tem muitas pessoas que têm um dinheirinho e já acha que é melhor que você, aí te trata como se você não fosse nada. O modo de olhar, o modo de falar, os gestos, tudo isso deixa a gente desconfortável. Mas isso é uma experiência minha, nem todos os patrões são assim também.